

Álvaro de Campos, *Diógenes* e algumas considerações para aqueles que não aceitam

Corinne Fournier Kiss* & Jerónimo Pizarro**

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Francisco Fernandes Lopes, *Diogène*, Diógenes o Cínico, Textos em francês, Ultimatum, Engenharia, Cosmopolitismo.

Resumo

Em duas cartas em abril de 1919, Pessoa informou o seu amigo Francisco Fernando Lopes de que estava a preparar com um grupo de intelectuais uma “revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro”, que seria publicada primeiro em francês e depois em inglês. Esta revista, nomeada *Diogène*, nunca virá à luz como tantas outras, mas muitos fragmentos em francês permaneceram, a maioria dos quais são publicados aqui pela primeira vez. Uma vez que Pessoa revela a Lopes que na primeira edição aparecerá um artigo de Álvaro de Campos intitulado “*Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas*”, bem como uma tradução do seu “*Ultimatum*”, e que não menciona nenhum outro autor a não ser ele próprio, gostamos de imaginar que Campos poderia muito bem ser o único autor de todos estes fragmentos (que consistem em ensaios e anúncios). Uma análise do conteúdo, estilo e tom destes textos parece confirmar esta hipótese. Para além da constatação de que o filósofo grego Diógenes, sob cujos auspícios a revista é colocada, defende uma visão do mundo que possui muitos pontos em comum com a de Campos, é possível identificar muitos paralelos e ecos entre a maioria dos textos aqui apresentados e outros escritos de Campos, incluindo o “*Ultimatum*”.

Keywords

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Francisco Fernandes Lopes, *Diogène*, Diogenes the Cynic, Texts in French, Ultimatum, Engineering, Cosmopolitanism.

Abstract

In two letters of April 1919, Pessoa informs his friend Francisco Fernando Lopes that he is preparing with a group of intellectuals a “Portuguese review exclusively aimed at foreigners”, which would be published first in French and then in English. This review, entitled *Diogène*, never appeared, like so many others he contemplated, but many fragments in French from this planned undertaking have remained, most of which are published here for the first time. Since Pessoa reveals to Lopes that the first issue will comprise an article by Álvaro de Campos called “*Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas*”, as well as a translation of Campos’ poetical manifesto “*Ultimatum*”, and since he does not mention

* Université de Berne, Département de langue et de littérature françaises.

** Universidad de los Andes, Departamento de Humanidades y Literatura; Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas (CEC/FLUL) & Centro de Estudos de Teatro (CET/FLUL).

any other author except himself, we may imagine that Campos could well be the sole author of all these fragments (consisting of essays and announcements). An analysis of the content, style, and tone of these texts seems to confirm this hypothesis. In addition to the observation that the Greek philosopher Diogenes, under whose auspices the review is placed, has similar reflections as those of Campos, it is possible to identify parallels and echoes between most of the texts presented here and other writings by Campos, including the “Ultimatum”.

Mots-clés

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Francisco Fernandes Lopes, *Diogène*, Diogène le cynique, Textes en français, Ultimatum, Ingénierie, Cosmopolitisme.

Résumé

Dans deux lettres du mois d’avril 1919, Pessoa fait savoir à son ami Francisco Fernando Lopes qu’il prépare avec un groupe d’intellectuels une « revue portugaise exclusivement destinée aux étrangers », qui serait publiée d’abord en français, puis en anglais. Cette revue, intitulée *Diogène*, ne verra jamais le jour, comme tant d’autres de ses projets, mais de nombreux fragments en français nous sont restés, dont la plupart sont publiés ici pour la première fois. Comme Pessoa révèle à Lopes que dans le premier numéro figurera un article d’Álvaro de Campos intitulée « Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas », ainsi qu’une traduction de son manifeste poétique « Ultimatum », et qu’il ne mentionne aucun autre auteur sinon lui-même, il nous a plu d’imaginer que Campos pourrait bien être l’auteur unique de tous ces fragments (constitués d’essais et d’annonces). Une analyse du contenu, du style et du ton de ces textes semble confirmer cette hypothèse. Outre que le philosophe grec Diogène, sous les auspices duquel est placée la revue, a une pensée qui présente beaucoup de points communs avec celle de Campos, il est possible de repérer de nombreux parallèles et jeux d’échos entre la plupart des textes ici présentés et d’autres écrits de Campos, dont l’ « Ultimatum ».

Depois da publicação da *Prosa de Álvaro de Campos* (PESSOA, 2012), que continha muitos inéditos, após a edição da *Obra Completa de Álvaro de Campos* (PESSOA, 2014), que ainda revelava outros, e antes de aparecerem alguns artigos que apresentavam novos materiais e esclarecimentos (“Editar Álvaro de Campos”, de PIZARRO e FREITAS, em 2016; “Álvaro de Campos Revisited”, de PIZARRO, em 2017), surgiu, em 2015, um livro comercial, derivativo dos anteriores, e do trabalho também precedente de Teresa Rita Lopes e Teresa Sobral Cunha, intitulado *Prosa Escolhida de Álvaro de Campos* (PESSOA, 2015). À diferença de outros livros mais o menos derivatórios que se tem multiplicados nos últimos anos, a *Prosa Escolhida* tinha a vantagem de propor a inclusão de dois inéditos de Álvaro de Campos e de sugerir a necessária revisão de um projecto pessoano, *Diogène* (em francês), ao qual esses dois escritos estavam destinados (cf. Anexos 4 e 8). As questões que logo se colocaram foram duas: são esses textos franceses atribuíveis a Álvaro de Campos? E se efectivamente o são, então são os únicos do projecto (*Diogène*) que lhe são atribuíveis? Estas duas perguntas surgiram, e talvez uma terceira: admitindo que existam dois, não poderão ainda existir mais inéditos? Este contributo procura responder precisamente estas três questões e ainda convidar a um maior estudo da prosa francesa de Pessoa, a qual ainda é amplamente desconhecida.

O que è o projecto *Diogène*?

No livro talvez mais conhecido de alguma prosa francesa pessoana, em *Obras de Jean Seul de Méluret* (PESSOA, 2006b), existe uma nota que convém citar por extenso, tendo em consideração a sua importância no contexto presente. Essa nota lembra a única referência epistolar conhecida a *Diogène*:

Em carta de 20 de Abril de 1919, dirigida a Francisco Fernandes Lopes, Pessoa dá conta da intenção de um grupo, recentemente organizado, de fazer publicar uma revista (*Diogène*), alternadamente em inglês e em francês, cujo principal intuito seria *levar ante a Europa a nossa irreverencia para com ella; mostrar que somos criaturas que portuguezmente não acceitamos; que os homens de genio cosmopolitas, os pensadores de ‘renome universal’, e outros artigos de drogaria não nos merecem respeito nem consideração*. No primeiro número dessa revista, conforme se dá conta em carta ao mesmo, alguns dias depois [26 de abril], apareceria um artigo de Álvaro de Campos “*Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas*”. E acrescenta:

Nada lhe poderá dar melhor idéia d’esse artigo do que o dizer-lhe que elle leva intercalado, em uma das paginas, um annuncio grande, com os seguintes dizeres (salvo qualquer pequena alteração que se faça): (Nota: Peço rigoroso segredo!).

SOCIÉTÉ EUROPÉENNE DES FORGES ET ACIERS « AMERIKA »

Administrateurs-délégués :

Woodrow Wilson,

David Lloyd George.

Directeur technique:

Paul von Hindenburg und Benneckendorf

HAUTS FOURNEAUX À PETROGRAD

(1.^a publicação na *Seara Nova*, 7 de Novembro de 1942: 297-298)

Após o armistício que pusera fim à I Guerra Mundial, em 18 de Janeiro de 1919, começou a Conferência de Paz de Paris, que culminaria com a assinatura do Tratado de Versalhes em 28 Junho, em que se destacariam as figuras de Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos da América, e David Lloyd George, primeiro ministro britânico (Paul von Hindenburg foi Chefe de Estado da Armada Germânica a partir de 1916 e Alexander Benckendorff, não “Benneckendorf”, Embaixador da Rússia no Reino Unido de 1903 a 1917). São os anúncios que aqui se publicam de algum modo ensaios, no espírito e na forma, deste?

(PESSOA, 2006b: 33-34)

Pessoa deu a conhecer uma versão de um anúncio grande (cf. Anexo 6) e a pergunta final, dos editores das *Obras* de Jean Seul, nunca teve resposta: o que foi *Diogène*? Anúncios no espírito e na forma desse da SOCIÉTÉ EUROPÉENNE DES FORGES ET ACIERS « AMERIKA »?

Hoje cumpre preencher essa lacuna e dar a conhecer diversos fragmentos de *Diogène* (não todos, mas a maior parte), para poder imaginar não apenas o artigo de Álvaro de Campos, cujo “Ultimatum” também poderia ter sido incluído na revista de 1919 (ver os projectos no fim dos Anexos), mas também outros textos destinados à revista. Não tendo nenhum dos textos ora apresentados uma atribuição, e estando todos eles em francês, quais poderiam ser lidos como sendo do engenheiro sensacionista e quais não? Apenas os primeiros? Todos os que aqui foram reunidos? O facto de estarem em francês (num francês que optámos por emendar) não exclui a possibilidade de serem atribuíveis a Álvaro de Campos, atendendo a que já conhecemos pelo menos um texto de Campos em francês: um rascunho de carta para Marinetti (PESSOA, 2014: 535-537). A única dificuldade de os atribuir a Campos passa por não termos outros elementos a favor dessa atribuição literária, salvo aquilo escrito na carta para Francisco Fernandes Lopes^a. Mesmo não tendo a revista (*Diogène*) chegado a existir, mesmo faltando uma forma final e um imprimatur, podemos aceitar como definitiva e não como provisória a decisão de Pessoa? Talvez sim. É isto que diz na segunda carta (26 de Abril de 1919):

O nosso plano é mais largo do que se poderia depreender do conteúdo da minha outra carta; envolve, com efeito, além da parte destrutiva, de que lhe falei, uma parte construtiva. Vi com

^a Veja-se a nota redigida por José Barreto: “Francisco Fernandes Lopes (1884-1969). Médico, professor liceal, músico e homem de cultura. Concluiu medicina em 1911 e doutorou-se em 1916 com uma tese sobre *Drogas e Farmacopeia*. Optou por viver no Algarve, recusando convites para a docência universitária. Compôs obras para piano e canto, bem como duas óperas. Estudioso multifacetado, publicou vasta obra sobre música, história, filosofia, literatura, arte, religião e política, sobretudo em jornais, revistas e enciclopédias. Republicano, agnóstico e liberal, dizia-se por vezes anarquista. Publicou ‘Contra a Epidemia do Integralismo Lusitano’ (24 artigos no *Correio do Sul*, Faro, 1921-1922). Foi colaborador da *Seara Nova*. Fernando Pessoa que, como Almada Negreiros, era seu amigo e admirador, convidou-o em 1919 para colaborar com uma crítica da filosofia de Bergson numa projectada revista de cultura portuguesa destinada a leitores de língua francesa e inglesa (PESSOA, 1998: 272-280 e 284 [*Correspondência 1905-1922*]). Acompanhou em 1935 o funeral de Pessoa” (BARRETO, 2016: 648-649).

alegria V. falar nela, antes de eu lhe ter anunciado. Vamos, porém, primeiro à substância da obra, à parte comum tanto à acção negativa, como a positiva.

Como atitude geral temos esta apenas: a criação de uma *cultura portuguesa*; procuramos criar essa “cultura” positiva e negativamente, se assim posso dizer. Criá-la positivamente de duas maneiras: valorizando-nos pela apresentação de estudos de ordem construtiva, original, ou de trabalhos literários da mesma índole, e, não talvez por enquanto – por ser talvez impossível ou difícil –, tentando criar, em pensamento como em imaginação manifestados, um *weltanschauung*, um conceito do universo português. Criá-la negativamente de uma maneira: destruindo com habilidade, originalidade e vigor os ídolos da Terra dos Outros, que da Nossa não vale a pena, pelo menos na orientação de que lhe falo; e esta destruição envolve dois fins – o fim abstracto, intelectual e universal de destruir o que é falso, e o fim nacional, concreto e próximo de aliviar de más influências a mentalidade portuguesa. Não procurámos (ou, antes, acho eu que não devemos procurar) um *weltanschauung* português no sentido estreito de uma “cultura germânica” à portuguesa, mas no velho sentido helénico de uma cultura universal portuguesa. V. compreende, não é verdade? Pergunto, porque (como V. já deve ter verificado) estou hoje pouco lúcido. – Criar um pensamento, uma atitude intelectual, da qual se possa dizer que, embora universal, só de Portugal poderia ter partido – assim, talvez, o intuito fique mais bem expresso.

Esta orientação é suficientemente larga, julgo, para que nela possam caber numerosas teorias, numerosos pontos de vista. Ela envolve, porém, a meu ver, uma certa limitação: em filosofia, um intelectualismo qualquer, expressão da fidelidade que todos nós, europeus, devemos à tradição helénica; em sociologia, a repugnância pelos fenómenos cristãos decadentes – quais a democracia radical, o socialismo, e o governo de coisa nenhuma a que se chama bolchevismo; e, em matéria que é uma coisa e outra, mas que se pode designar “matéria nacional”, a ruptura com os tradicionalismos vários que, a par do servilismo para com o estrangeiro, têm pesado sobre nós – tradicionalismo católico, tradicionalismo anti-industrialista, etc. [...]

Vou agora responder aos pontos da sua carta, a que uma resposta concreta se pode dar.

Que, embora, para fins de *vincar*, seja bom que se comece pelo destrutivo, também interessa, e muito, que se vá construindo – já V. o sabe por o que acima lhe disse. E é escusado dizer que *abattage* pode ser de vivos ou de mortos, entendendo-se, como V. viu, que esses mortos são os *que vale a pena matar*, aqueles como V. diz, cuja presença é dominante. É óptimo abrir com um estudo destrutivo de qualquer vivo vivente; o seu estudo sobre o pragmatismo seria de primeira ordem, e o sobre Bergson, se V. o puder arranjar.

Os artigos podem ser quantos V. quizer, sucessivos ou não, acabados num só artigo, ou continuados. V. faz como entender.

Quanto a pseudónimos, pode V. usar os que quizer, também. [...] Por mim, achei curiosíssimo que V. fizesse a pergunta: no primeiro número da revista, aparece, naturalmente, o meu companheiro de psiquismo Álvaro de Campos, com um artigo intitulado “Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas”, ao qual se segue a tradução do “Ultimatum” que o mesmo senhor publicou (no *Portugal Futurista*) em 1918^b, e de que, creio, lhe dei um exemplar.

Depois destas linhas (a carta é longa e pode ser consultada na íntegra em linha: http://ric.slhi.pt/Seara_Nova/visualizador?id=09913.034.039&pag=8), segue a passagem

^b Possível lapso por 1917; ou então a separata de “Ultimatum” (cf. <http://purl.pt/17263>) apareceu ou foi distribuída em 1918.

já citada, que começa (com a ortografia que tem na *Seara Nova*): “Nada lhe poderá dar melhor idéia”.

A nosso ver, o maior problema de atribuir os textos seguintes a Álvaro de Campos passa por um simples facto: “Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas” devia ser um artigo de uma revista com o mesmo nome e intuito. Qual é o artigo e quais são os textos, independentes desse artigo, que ia fazer parte da revista? Não tendo nós mais do que um plano da revista (que iria incluir “Ombres Chinoises”, “Le Classicisme Mécanique”, “Ultimatum” e “Annonces”), e não tendo estes itens uma atribuição, é difícil determinar se os fragmentos que se conservam fazem parte de alguns desses itens e se esses itens são atribuíveis a Álvaro de Campos, para além de “Ultimatum”. O certo é que Pessoa disse a Lopes:

É possível, por sinal, que, como, para escrever a colaboração Álvaro de Campos, me não fica tempo mental para (no primeiro número) apresentar qualquer trabalho original meu *de agora*, eu traduza simplesmente o meu “drama estático” *O Marinheiro*, que apareceu em *Orpheu 1*, e que me parece ter o relevo bastante para surgir. Em todo o caso, verei o que posso fazer.

(PESSOA, 1988: 278)

Seja como for, a hipótese que os textos ora transcritos como sendo todos de Álvaro de Campos pode ser interessante e, é claro, perfeitamente plausível. Pessoa não escreveu o nome do engenheiro nestes papéis, mas o teve em mente, pois a autoria dele é evidente pelo menos num fragmento: naquele em que refere “mon vieil *Ultimatum*” (Anexo 9). Nas linhas que seguem, gostaríamos de tentar, a partir de uma análise do conteúdo, estilo e tom dos outros fragmentos, verificar esta hipótese de uma autoria única de Álvaro de Campos.

Álvaro de Campos – único autor de *Diogène*?

A revista *Orpheu*, fundada por Pessoa e Sá-Carneiro em 1915, colocou-se sob o patrocínio do maior poeta e músico da antiguidade. Foi sob a égide duma outra famosa figura da Grécia antiga que se sujeita a “revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro” anunciada por Pessoa na sua carta a Lopes de 20 de Abril de 1919 (PESSOA, 1988: 272): sob a do filósofo Diógenes de Sinope (404-413 a.C. - 323 a.C.), um dos fundadores da escola cínica. O nome *Orpheu*, atribuído à revista poética em que já se anuncia o movimento literário vanguardista do sensacionismo, funciona claramente como uma homenagem aos gregos, cuja sensações eram ainda imediatas, não sobrecarregadas e não mediadas por tudo o que o cristianismo e a modernidade introduziram entre o objecto e a sensação do objecto^c. Da mesma

^c Cf. “No princípio, na Grécia [...], existia, de um lado, a Coisa; do outro existia, em bloco, a Sensação, a sensação imediata e vivida [...]. A sensação da realidade era directa [...]. Era imediata. Entre a sensação e o objecto — fosse esse objecto uma coisa do exterior ou um sentimento — não se interpunha uma reflexão, um elemento qualquer estranho ao próprio acto de sentir [...]. Passada pelas

forma, o título de *Diogène* conferido a um periódico de conteúdo filosófico-político, deve ser entendido como “expressão da fidelidade que todos nós, europeus, devemos à tradição helénica [...] em filosofia” (PESSOA, 1988: 275). Porém, “não sendo o português uma língua científica”, não seria relevante “doutrinar filosófica ou sociologicamente nele” (PESSOA, 1988: 279). Em qualquer caso, a autoridade de Diógenes é claramente invocada para esta revista: “Criámos a nossa obra sob os auspícios de Diógenes” (cf. Anexo 17).

Ora, a filosofia prática de Diógenes tem muito em comum com a de Álvaro de Campos. Embora nenhum texto manuscrito dele tenha chegado até nós, as suas convicções filosóficas são relatadas por muitas fontes (sendo a mais famosa a do biógrafo Diógenes Laércio)^d. O comportamento do filósofo foi orientado por um sentido de autossuficiência, o que lhe deu a oportunidade de criticar e questionar as normas e convenções da sua altura, e de expressar alto e claro o seu desprezo pelos seus semelhantes, sem medo de ser punido com a privação de privilégios de que não se importava. A sua falta de vergonha era sem limites, indo por vezes ao ponto da piada, impudência e obscenidade. A mais famosa anedota em matéria de fazer galhofa conta que ele andava durante o dia com uma lanterna acesa, que brandia diante dos rostos dos transeuntes e dizendo “Estou à procura de um homem” – para significar que ele era incapaz de encontrar um que fosse digno da sua estima. Defensor da liberdade de expressão, Diógenes tomou o direito de expressar abertamente o que queria e o que pensava, e sobretudo, de falar a verdade, de dizer o que os outros não dizem e não ousam dizer (a *parrésia* filosófica^e). Diógenes seria também o inventor da palavra “cosmopolitismo”: banido de sua cidade natal Sinope, considerava-se em todos os lugares como um exilado e um estranho, não pertencente a nenhuma comunidade estabelecida, enquanto disse sentir-se em casa em qualquer parte do mundo e se definia como um “cidadão do cosmos”, ou seja, um “cosmopolita”.

Todos estes elementos marcam também a personalidade de Álvaro de Campos. Apesar do seu desejo de sentir de todas as maneiras, ele não se priva de mostrar na sua prosa bem como na sua poesia que tem pouca estima pelos seus semelhantes como tais, e está sempre pronto a dar-lhes uma lição. Ele valoriza a sua independência e liberdade enquanto sofre da sua solidão: “Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte; é estar ao lado da escala social, é não ser adaptável às normas da vida [...]. Coitado do Álvaro de Campos! Tão isolado na vida! Tão deprimido nas

almas a longa doença chamada cristianismo, esmiuçado doentamente o espírito por si próprio, a clareza da sensação perturbou-se [...]. Entre a sensação e o objecto dela — fosse esse objecto uma coisa exterior ou um sentimento — intercalara-se todo um mundo de noções espirituais que desvirtuava a visão directa e lúcida das coisas” (PESSOA, 1966: 169-170).

^d O livro de Luis E. NAVA (1998) oferece-nos uma boa síntese de todas essas fontes.

^e Por essa palavra, ver por exemplo FOUCAULT (2001), que na sua análise menciona também Diógenes.

sensações!” (PESSOA, 2014: 340-41). Sem viver como um vadio da mesma forma que Diógenes (que supostamente viveu numa enorme jarra sem dinheiro), ele não tem residência fixa e passa a vida vagando de um lugar para outro como um “turista” (PESSOA, 2014: 496): estuda engenharia naval na Escócia, viaja pelo mundo (em especial pelo Oriente), depois, sem emprego permanente, comuta entre Inglaterra e Portugal; poliglota como o seu criador, é claramente o mais “cosmopolita” de todos os heterónimos, e, aliás, ele usa este termo em vários dos seus poemas (cf. “rodar férreo e cosmopolita”, “hotéis cosmopolitas”, “árvore-fábrica cosmopolita”, etc.).

Nenhum texto traduz melhor este temperamento do que o seu manifesto do modernismo português intitulado “Ultimatum”, publicado na revista *Portugal futurista*, em 1917, e que Pessoa tinha planejado republicar em tradução francesa em *Diogène*, como já foi mencionado acima. Ora, se compararmos o “Ultimatum” com todos os fragmentos da revista *Diogène* aqui publicados, vemos que o manifesto trata dos mesmos temas da revista, mas apresentados numa versão mais emocional, mais agressiva, mais diluída e mais desordenada.

O “Ultimatum”, escrito em plena guerra, começa com uma explosão de invectivas contra todos os grandes deste mundo: tanto indivíduos como nações, poetas como chefes de Estado, nada e ninguém escapa às suas recriminações, que são feitas sob a forma de uma sucessão de exclamações anafóricas, cuja anáfora varia para cada categoria de objecto atacado: “Fora tu, Anatole France [...], Fora tu, Maurice Barrès [...] Fora tu, Yeats etc. | Tu, ambição italiana [...], Tu, esforço francez [...], Tu, organização britannica” (PESSOA, 2014: 403 e 405). As críticas da gestão da guerra envolvem críticas de toda a sociedade e de todas as aquisições culturais europeias sem preocupação de distinção ou justificação. Tudo é apresentado no modo do grito, uma postura que atinge o seu ponto culminante na “ejaculação” de um impropério: “Merda!” (PESSOA, 2014: 410).

Os fragmentos de *Diogène*, escritos após o fim da guerra, fazem um balanço da situação internacional de uma maneira tão crítica e mordaz como o “Ultimatum” e em coro com muitas das suas propostas – exceto que estas, em vez de serem abruptamente atiradas, são colocadas, pesadas e explicadas mesmo que de forma mínima. Assim, as considerações sobre a falta de organização e de cabecilhas, perdidas numa enumeração de insultos no “Ultimatum”, são formuladas nos fragmentos de *Diogène* como as duas principais causas da guerra. O trecho do “Ultimatum”, “Nenhuma idéia de uma estrutura, nenhum senso do Edifício, nenhuma anciã do Organico-Creado!” (PESSOA, 2014: 407), torna-se em *Diogène* um argumento preciso: A guerra, pela qual a Alemanha é culpada, foi na verdade causada por uma civilização inteira sofrendo de desorganização (cf. Anexo 13), e os próprios latinos, embora possuíssem uma longa tradição de disciplina, não se destacaram em nada nesta debandada (cf. Anexo 11). Da mesma forma, *Diogène* acrescenta ao julgamento que “todos os chefes de estado, incompetentes ao léu, barris de lixo virados pra baixo à porta da Insuficiência da Época!” (PESSOA, 2014:

405), pela seguinte explicação: “O significado interno da nossa crise está na lanterna de Diógenes: há demasiados homens; não há Homem [...]. A ausência de génio é o génio da nossa era” (cf. Anexo 13). A guerra foi travada sem a menor centelha de inteligência, pelos “retóricos vazios”, especialistas em palavras que não significam nada (cf. Anexo 19). E assim é com a gestão do pós-guerra: a Conferência de Paz em Paris e a inauguração da Sociedade das Nações servem apenas para exhibir ideias supostamente generosas, que na realidade não apontam para nenhum plano de acção concreto (cf. Anexos 3 e 19). O anúncio irónico sobre Lloyd George, especialista em anti-taquigrafia, que brilha “em dizer em muitas palavras o que não precisa de ser dito” (cf. Anexo 6) ressoa com outras asserções de Campos sobre o vazio das palavras dos Chefes de Estado: Pessoa relata, num texto datado de 1919, que Campos lhe confidenciou que “esse sofista reles, O Presidente Wilson, é o tipo e o símbolo do nosso tempo. Nunca disse nada de concreto na sua vida” (PESSOA, 1966: 411).

Ao proferir alto e claro certas verdades sobre a política europeia, o “Ultimatum” assim como *Diogène* encenam *parrésias* dignas de Diógenes de Sinope e dos cínicos: “Proclamem bem alto que ninguém combate pela liberdade ou pelo Direito! Todos combatem por medo dos outros”, berra o autor de “Ultimatum” (PESSOA, 2014: 410); “Esta é a verdade; como não deve ser dito, assumimos o compromisso de o dizer”, podemos ler num fragmento de *Diogène* (cf. Anexo 12).

No entanto, como Pessoa diz na sua carta a Lopes, o “movimento” expresso em *Diogène* não se baseia apenas na negação e destruição. Não é apenas uma questão de dar um “exemplo da irreverência para com os ídolos europeus”, mostrar “que os homens de génio cosmopolitas, os pensadores de ‘renome universal’, e outros artigos de drogaria não nos merecem respeito nem consideração” (PESSOA, 1988: 272). *Diogène* também deve comportar uma parte construtiva (PESSOA, 1988: 274). Isto já era verdade no “Ultimatum”, que depois de ter proclamado “Homens-altos de Lilliput-Europa, passae por baixo do meu Desprezo” (PESSOA, 2014: 407), concorda em emprestar os seus ouvidos à Europa: “A Europa quer a Intelligencia Nova que seja a Fórma da sua Mateira chaotica!” (PESSOA, 2014: 411); ele apresenta-lhe mesmo um remédio: uma operação cirúrgica para se livrar das ficções teológicas afirmando que temos uma individualidade separada de todas as outras e para reconhecer que cada personalidade se cruza com outras – e assim permitir que o super-homem, completo, complexo e harmonioso, nasça. Da declaração da nulidade da humanidade atual, Álvaro de Campos passa nesse texto à esperança de uma super-humanidade.

Diogène, também aqui é menos radical, embora muito próximo do “Ultimatum”: muitas morais devem ser questionadas, e não apenas a moralidade cristã. Trata-se de elaborar uma nova moralidade baseada numa disciplina de si mesmo (cf. Anexo 8) e de substituir o culto da individualidade pelo individualismo. O indivíduo social da Antiguidade já correspondeu a estas exigências (cf. Anexo 5)

– no entanto a nova moralidade não pode ser um simples regresso à moralidade antiga, pois deve levar em conta o progresso da ciência, da “era das máquinas” (cf. Anexo 16). Mas “não é a máquina como rendimento que é o modelo; é a máquina como coordenação” (cf. Anexo 15). Dito por outras palavras confiadas por Álvaro a Pessoa: “Já chegou a era da engenharia física, mas estamos ainda longe da era da engenharia mental” (PESSOA, 1966: 409).

Essa “máquina como coordenação” ou essa complexa “engenharia mental” permitirá “organizar os ódios” para “realizar o amor” – um amor não sinónimo do repouso, porque “não há mais na natureza que o movimento para tudo” (cf. Anexo 18). Este tipo de amor em movimento aproxima-se, ou mesmo corresponde ao que Pessoa tinha definido como o objectivo positivo da revista *Diogène* – nomeadamente criar “uma cultura universal portuguesa”, ou seja, um novo cosmopolitismo que “só de Portugal poderia ter partido” (PESSOA, 1988: 275). Sem que a palavra cosmopolitismo seja pronunciada nestes fragmentos, estas afirmações, juntamente com as de Pessoa definindo os objectivos da revista nas suas cartas a Lopes, permitem imaginar um novo cosmopolitismo substituindo o dos “homens de génio cosmopolita” europeus, o que “portuguesmente não aceitamos” porque representa um cosmopolitismo de fachada baseado no servilismo a alguns “ídolos” de “renome universal” (PESSOA, 1988: 272), portanto incapazes de uma verdadeira acção.

Poderíamos interpretar esse novo cosmopolitismo desta maneira: alguém pode tornar-se cidadão do mundo não só porque se move, mas também porque o mundo inteiro está em movimento, um movimento que precisa de ser coordenado. Se “a sociedade é um sistema de forças”, se “tudo se sustenta no bem social”, se “tudo está em tudo” (cf. Anexo 10), a ideia de todo o movimento da natureza invocado no fragmento 18 permite que essas frases sejam reescritas da seguinte forma: “O mundo é um sistema de forças em movimento. Tudo se cruza e entrecruza no bem social. Tudo está em interação com tudo”.

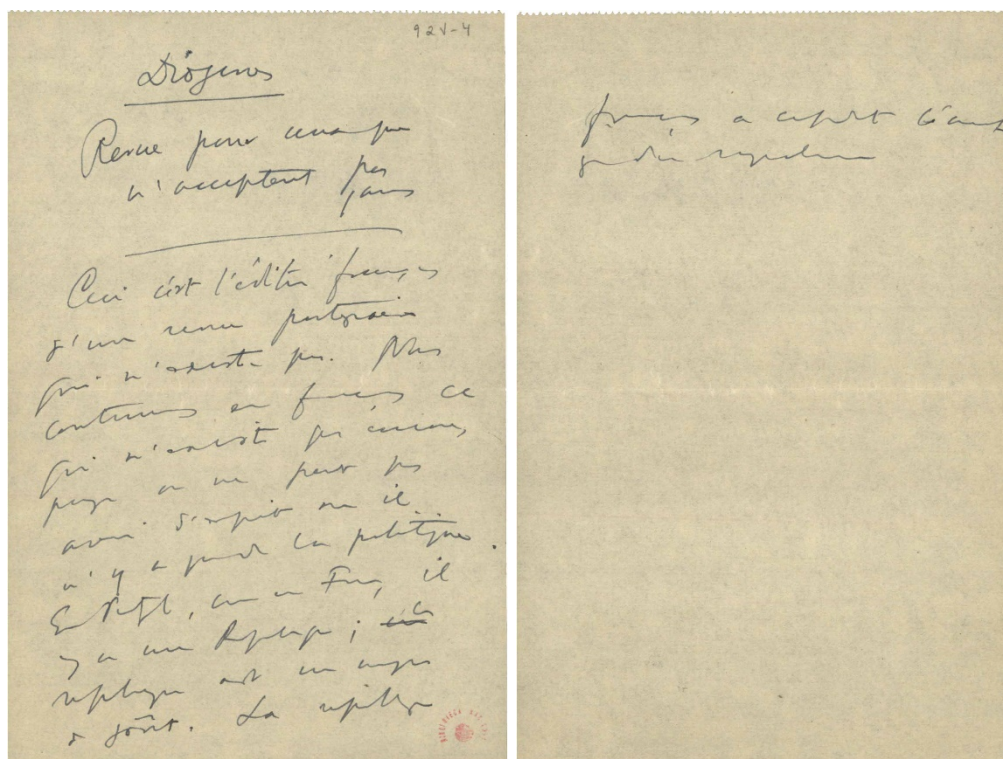
Sobre este tipo de cosmopolitismo, a revista *Orpheu*, que se orgulhava de ser todas as literaturas, já tinha falado em relação a literatura e a cultura – recorrendo a um vocabulário interseccionista (“fundir”, “cruzar”, “interseccionar”, “fusão”, etc.), que é comum ao ortónimo Pessoa e ao heterónimo Campos; a revista *Diogène*, ou pelo menos os fragmentos aqui publicados, defendia-o para o político e social, e descrevendo-o como um mecanismo, na maneira de um engenheiro ou matemático (“máquina de promessas”, “tornos mecânicos”, “proporções”, “fé dum engenheiro”, “ciência”, “mecanização da humanidade”, “matemática da beleza”, “reconstrução científica”, “era das máquinas”, “Classicismo Mecânico”, etc.). Esta observação, adicionada ao facto de existirem muitos conjuntos de ecos entre os fragmentos de *Diogène* e outros textos assinados por Campos, permite-nos, se não estabelecer com certeza a autoria do engenheiro para todos estes fragmentos, pelo menos justificar a nossa escolha de fazer como se o fosse.

Os heróis gregos que deram os seus nomes às duas revistas, apesar de terem lançado a orientação cosmopolita, são doravante ultrapassados por este tipo de cosmopolitismo governado pela “máquina como coordenação” ou por uma “engenharia mental” em movimento.

*

Post-Scriptum. Todas as traduções foram realizadas por Clara Cuéllar dos Santos. Agradecemos a ajuda de José Barreto na leitura de várias passagens árduas de decifrar. Deixamos para futuros artigos e investigadores outros documentos ainda inéditos, tais como: 55A-47 e 48, 92U-88, 92U-89, 92U-91, 92U-95 e 92U-96.

Anexos

Figs. 1.1 e 1.2. Diogenes (BNP/E3, 92V-4^r e 4^v).

1

Diogenes¹Revue pour ceux qui n'acceptent jamais²

Ceci c'est l'édition française d'une revue portugaise qui n'existe pas. Nous construisons en français ce qui n'existe pas encore, parce qu'on³ ne peut pas avoir d'esprit où il n'y a pas de la politique. Au Portugal⁴, comme en France, il y a une République ; la république⁵ est un manque de goût. La république française a cependant l'avantage du royalisme.⁶

1

[92V-4]

Uma folha de papel picotada na margem superior; o texto está manuscrito a tinta preta. Como outros escritos, este não tem data nem atribuição.

NOTAS

- ¹ Diogenes] em francês, seria "Diogène".
- ² pas [↓ jamais] variantes alternativas.
- ³ *parceque on] leitura conjectural.
- ⁴ En Portugal] no original.
- ⁵ <une> la republique
- ⁶ Uma leitura paleograficamente possível é "royalisme".

[1] [TRAD.]

Diogenes
Revista para aqueles que nunca aceitam

Esta é a edição francesa de uma revista portuguesa que não existe. Construímos em francês o que ainda não existe, porque não podemos ter um espírito onde não haja política. Em Portugal, como em França, existe uma República; a República é uma falta de gosto. A república francesa, no entanto, tem a vantagem de realismo.

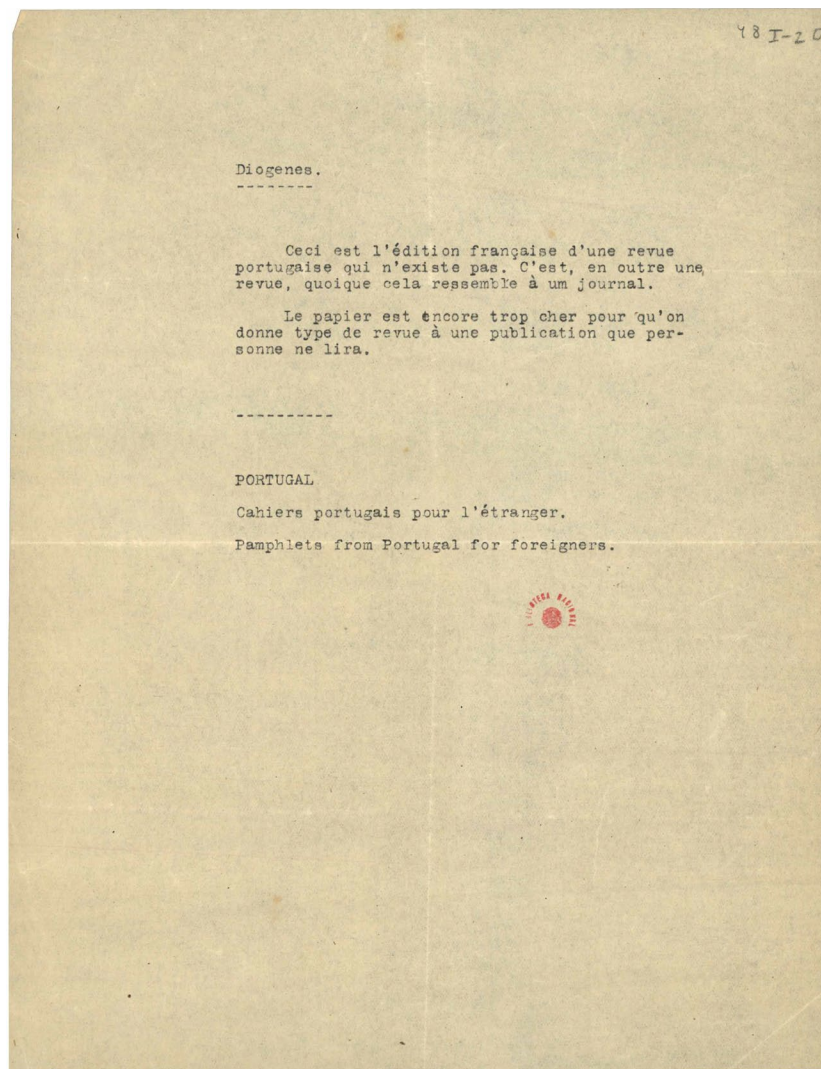


Fig. 2. "Ceci est l'édition française d'une revue portugaise" (BNP/E3, 48I-20^r).

2

Diogenes.

Ceci est l'édition française d'une revue portugaise qui n'existe pas. C'est, en outre,² une revue, quoique cela ressemble à un¹ journal.

Le papier est encore trop cher pour qu'on donne type³ de revue à une publication que personne ne lira.

PORTUGAL

Cahiers portugais pour l'étranger.

Pamphlets from Portugal for foreigners.

2

[48I-20^r]

Uma folha de papel dactilografada a tinta preta na metade superior do rosto. O título está sublinhado.

NOTAS

¹ um] *no original.*

² en outre] *acrescentamos vírgula.*

³ type] *ficaria melhor "allure".*

[2] [TRAD.]

Diógenes.

Esta é a edição francesa de uma revista portuguesa que não existe. É também uma revista embora se assemelhe a um jornal.

O papel ainda é demasiado caro para dar o tipo de revista a uma publicação que ninguém vai ler.

PORTUGAL

Cadernos portugueses para o estrangeiro.

Panfletos de Portugal para estrangeiros.

Figs. 3.1 e 3.2. “La société des nations...” (BNP/E3, 92V-5^r e 5^v).
Observações sobre nomes e ditongos no verso da folha.

3

La société des nations est une blague calviniste.

Les gestes dans le pastiche.

3

[92V-5^r]

Uma folha de papel picotada na margem superior; o texto está manuscrito a tinta preta. Os apontamentos do verso da folha estão a lápis.

[3] [TRAD.]

A Sociedade das Nações é uma piada calvinista.

Os gestos no pastiche.

4

Diogenes.

Nous avons perdu la moralité chrétienne¹. Quelle moralité lui² avons-nous substituée ?

On a eu d'abord la morale du XVIII^e siècle, dont la³ « douceur de mœurs » était le trait principal. Mais cela n'est pas une moralité : c'est le minimum qu'il faut avoir⁴ pour n'être pas mis⁵ au cachot.⁶

On a eu la moralité des instincts – celle qu'Ibsen a fait connaître⁷, et qui est le « vivre sa vie » des imbéciles [du] type Bernstein-Bataille. Je ne l'appellerai pas basse ; je ne l'appellerai⁸ qu'imbécile. C'est le défaut commun de tous les systèmes psychologiques après la révolution française : on prêche⁹ pour tous dans des termes que ne pourrait réaliser qu'une élite.

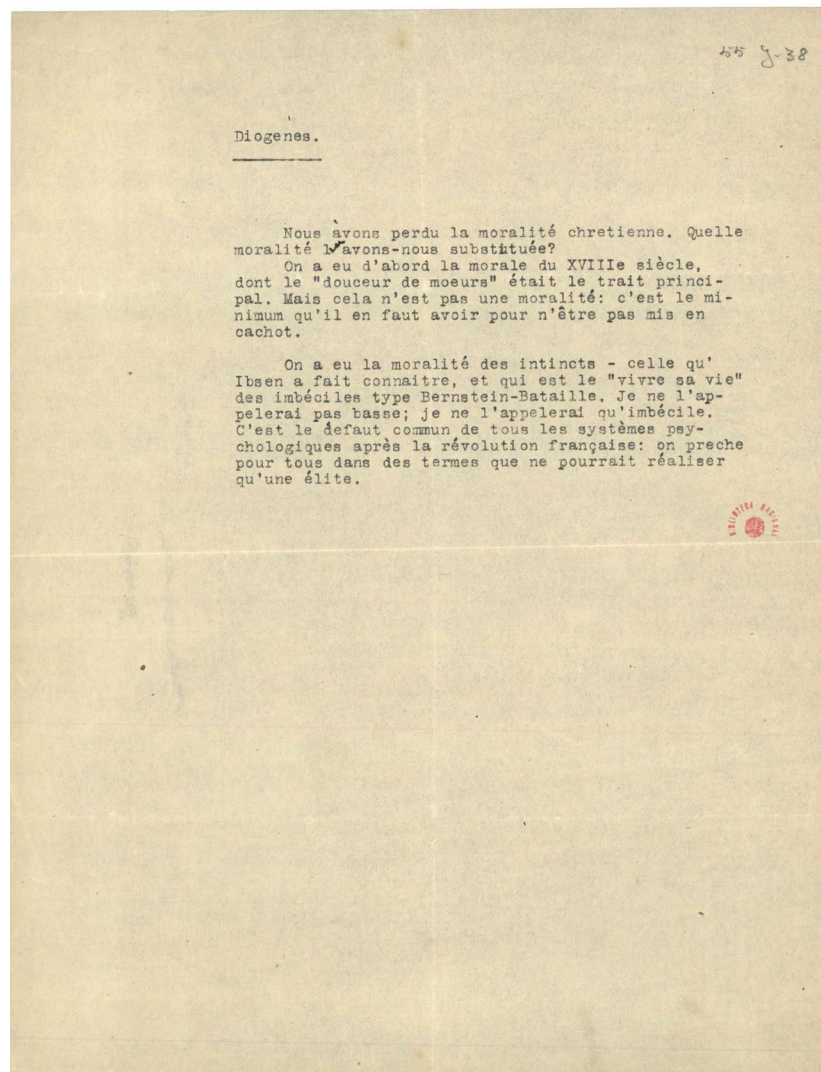


Fig. 4. "Nous avons perdu la moralité chrétienne" (BNP/E3, 55J-38^a).

4

[55]-38^r]

Uma folha de papel dactilografada a tinta preta na metade superior do rosto. O título está sublinhado.

NOTAS

- 1 chretienne] *no original.*
- 2 I[↑ui] *acrescento a tinta preta.*
- 3 le “douceur de mœurs”] *no original.*
- 4 qu’il en faut avoir] *no original.*
- 5 pour n’être pas mis] *em Pessoa (2015, p. 141), “pour ne pas être mis”.*
- 6 en cachot.] *no original.*
- 7 connaitre] *no original.*
- 8 l’appellerai] *no original.*
- 9 preche] *no original.*

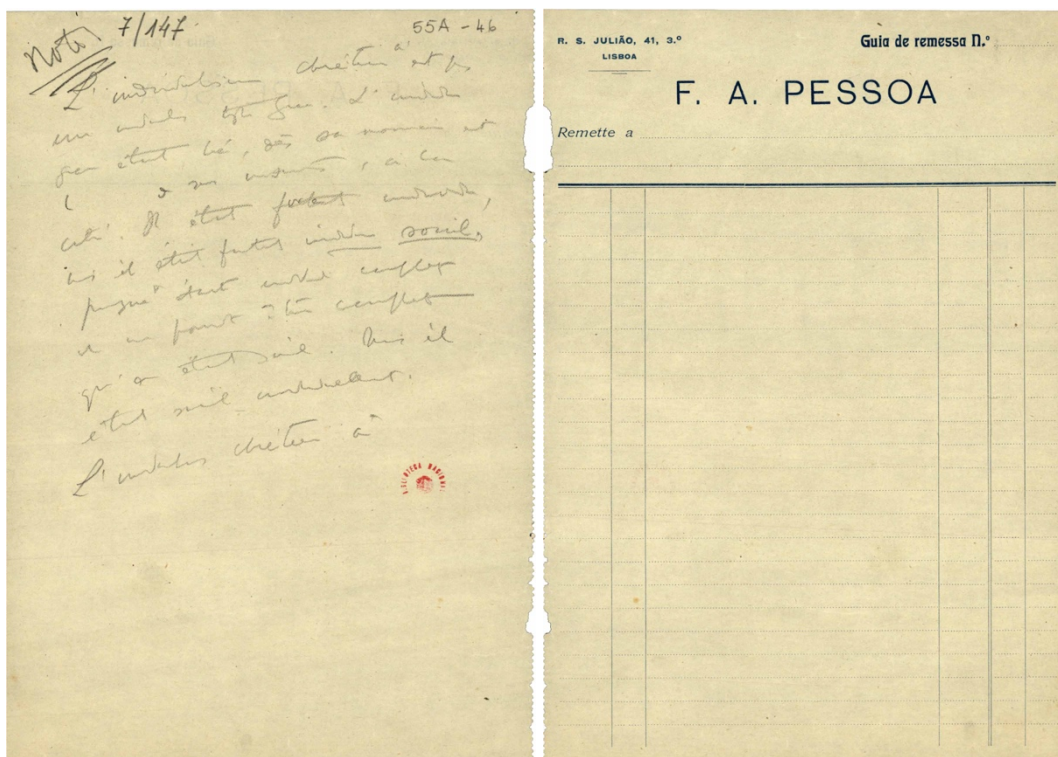
[4] [TRAD.]

Diogenes.

Nós perdemos a moral cristã. Por que moralidade a substituímos?

Tivemos primeiro a moralidade do século XVIII, de que os “brandos costumes” eram o traço principal. Mas essa não é uma moralidade: é o mínimo que é preciso ter para não ser atirado para o calabouço.

Tivemos a moralidade dos instintos – aquela que Ibsen deu a conhecer, e que é o “viver a vida” dos imbecis tipo Bernstein-Bataille. Não a chamarei baixa; apenas a chamarei imbecil. É o defeito comum de todos os sistemas psicológicos depois da revolução francesa: prega-se a todos, mas em termos que só uma elite poderia entender.



Figs. 5.1 e 5.2. Nota manuscrita em papel da firma F. A. Pessoa (BNP/E3, 55A-46^r e 46^v).

5

Note !

L'individualisme chrétien n'est pas un individualisme de type grec. L'individu grec était lié, dès sa naissance et l'⋄ de son instruction, à la cité. Il était fortement individu, mais il était fortement *individu social*, puisqu'étant individu complet, il ne pouvait être complet qu'en étant social. Mais il était social individuellement. L'individualisme chrétien à ⋄

5

[55A-46^r]

Uma folha de papel timbrada, F. A. PESSOA | RUA DE SÃO JULIÃO, 41, 3.º | Lisboa, *com espaço para um número de Guia de remessa. O texto, manuscrito a lápis, encontra-se na face não impressa. A firma F. A. PESSOA foi criada em meados de 1917 e esteve sediada na Rua de S. Julião, 41, 3.º, mas em Dezembro do mesmo ano mudou-se para a Rua do Ouro, 87, 2.º.*

NOTA

¹ individualisme type grec] *no original.*

[5] [TRAD.]

Notar!

O individualismo cristão não é um individualismo de tipo grego. O indivíduo grego esteve ligado, desde o seu nascimento e o ⋄ da sua educação, à cidade. Ele era fortemente indivíduo, mas era fortemente *indivíduo social*, uma vez que sendo um indivíduo completo só podia ser completo por ser social. Mas ele era social individualmente. O individualismo cristão à ⋄

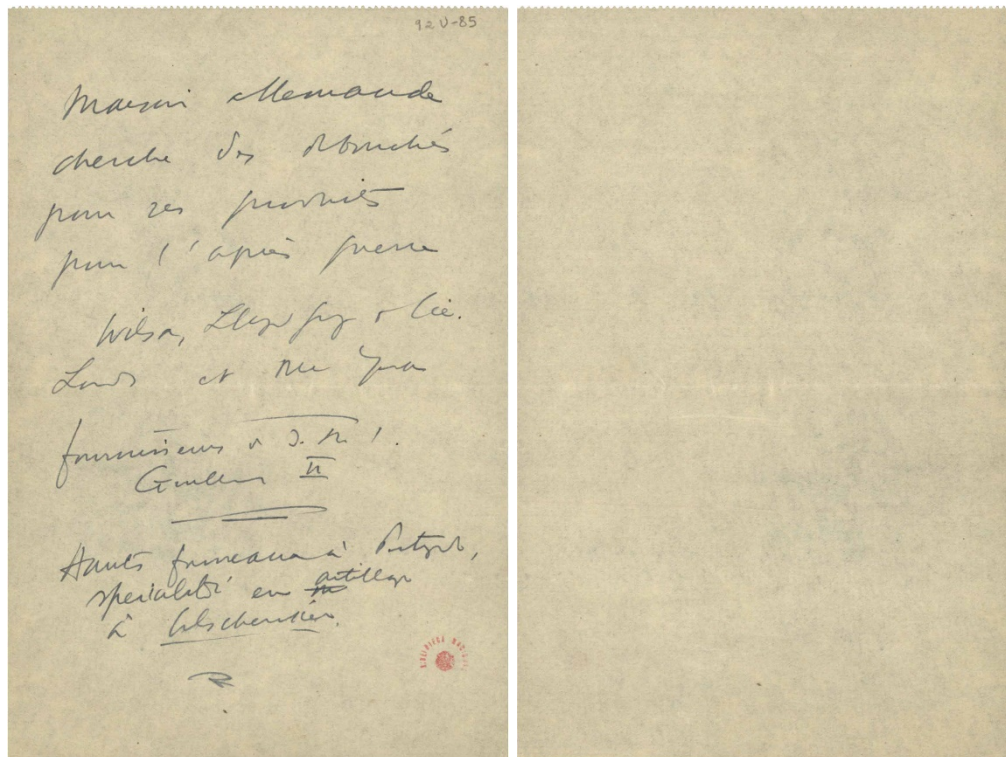
6

Maison allemande
cherche des débouchés¹ pour
ses produits
pour l'après-guerre.

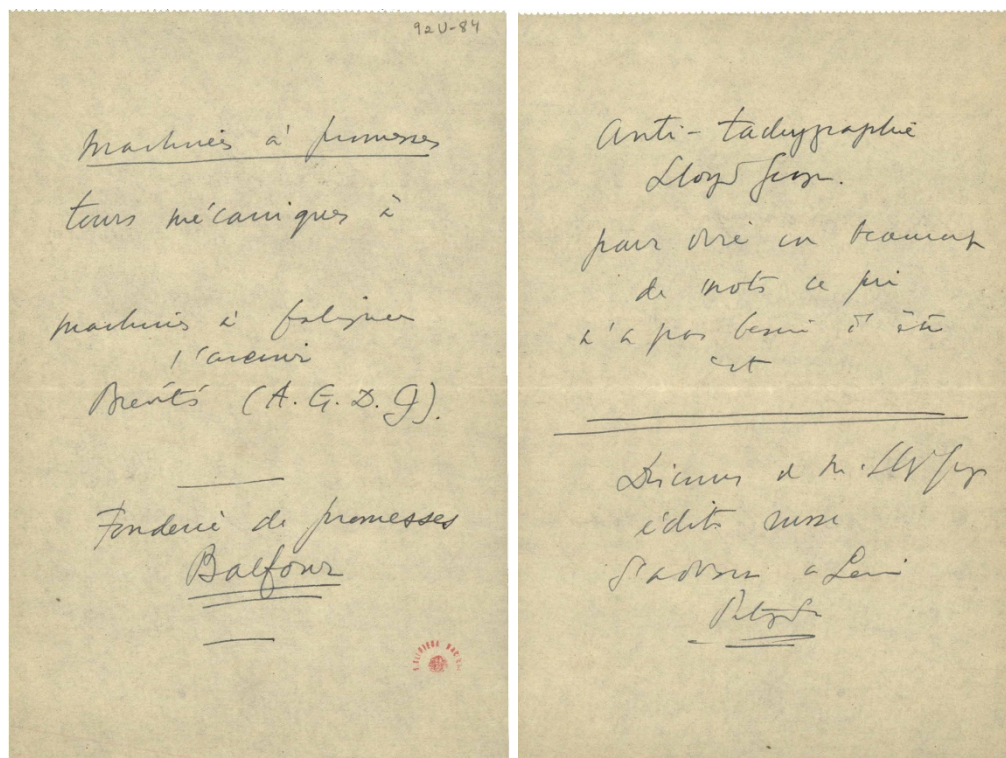
Wilson, Lloyd George & Cie
Lond[on] et New York

Fournisseurs de S. M. I.^f
Guillaume II

^f Leia-se: "Sa Majesté Impériale".



Figs. 6.1 e 6.2. "Maison allemande" (BNP/E3, 92U-85r e 85v).



Figs. 7.1 e 7.2. "Machines à promesses" e "Anti-tachygraphie" (BNP/E3, 92U-84r e 84v).

Hauts fourneaux à Petrograd
spécialité en outillage²
à bolscheviker

6

[92U-85^r]

Uma folha de papel picotada na margem superior; o suporte foi manuscrito a tinta preta no rosto.

NOTAS

¹ debouchés] *no original.*

² <m> [↑ outillage]

[6] [TRAD.]

Casa alemã
procura pontos de venda para os
seus produtos
para o pós guerra.

Wilson, Lloyd George & Cia
Lond[res] e Nova Iorque

Fornecedores da S. M. I.[§]
Guillaume II

Altos fornos em Petrogrado
especializados em ferramentas
para bolchevizar

7

Machines à promesses
tours mécaniques à ∅

Machines à fabriquer
l'avenir
Brevetées¹ (A. G. D. G.)

Fonderie de promesses
Balfour

[§] Leia-se: “Sua Majestade Imperial”.

Anti-tachygraphie
 Lloyd George
 pour dire en beaucoup
 de mots ce qui
 n'a pas besoin d'être
 dit

Discours de M. Lloyd George
 édit.² russe
 S'adresser à Lénine⁴
 Petrograd⁵

7

[92U-84]

Uma folha de papel picotada na margem superior; o suporte encontra-se manuscrito a tinta preta no rosto e no verso. O texto carece de data e de atribuição. A última piada sobre Lloyd George insinua uma sua qualquer afinidade política com Lenine. Não tem qualquer razão de ser, mas Pessoa detestava Lloyd George.

NOTAS

¹ Brevetés] *no original.*

² édit.] *leitura conjectural; édition? éditeur? éditrice?*

³ a Lenine] *no original.*

⁴ Petrograd ou Petrograde] *no original.*

[7] [TRAD.]

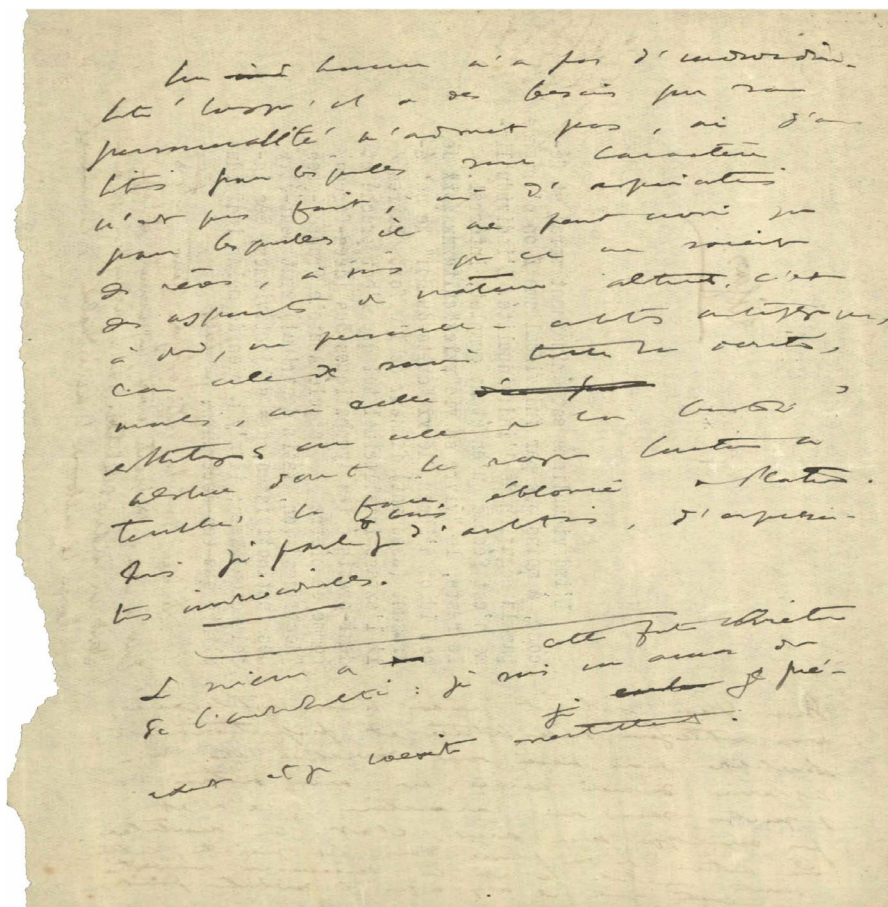
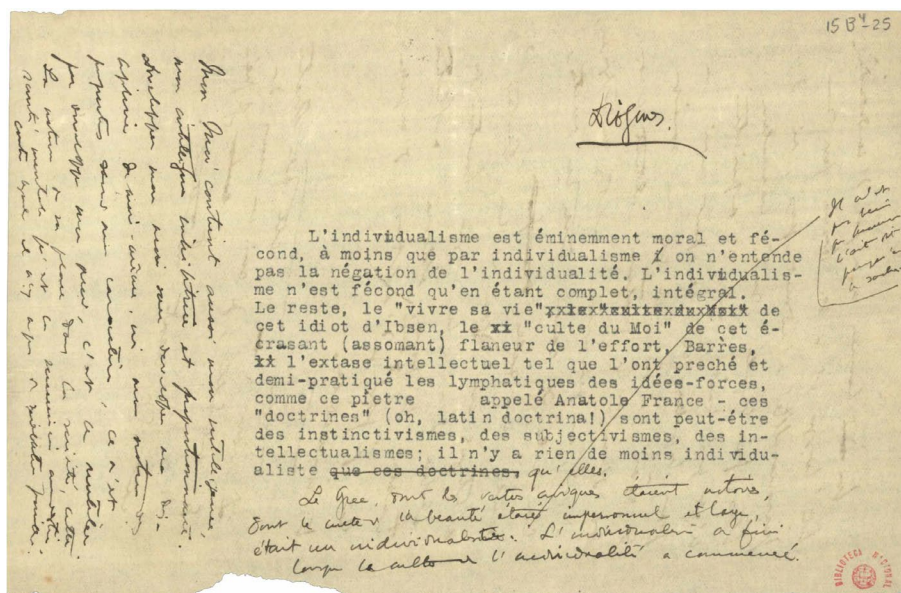
Máquinas de promessas
 tornos mecânicos de ♦

Máquinas de fabricar
 o futuro
 Patenteadas (A. G. D. G.)

Fundidora de promessas
 Balfour

Anti-taquigrafia
 Lloyd George
 para dizer em muitas
 palavras o que
 não precisa de ser
 dito

Discurso de M. Lloyd George
 ed. russa
 Contactar Lenine
 Petrogrado



Figs. 8.1 e 8.2. “L’individualisme est éminemment moral et fécond” e “Un homme n’a pas d’individualité” (BNP/E3, 15B⁴-25^r e 25^v).

Diógenes.

L'individualisme est éminemment moral et fécond, à moins que par individualisme l'on¹ n'entende pas la négation de l'individualité. L'individualisme n'est fécond qu'en étant complet, intégral². Le reste, le « vivre sa vie » de cet idiot d'Ibsen, le « culte du Moi »³ de cet assommant⁴ flâneur⁵ de l'effort, Barrès, l'extase intellectuelle telle⁶ que l'ont prêchée⁷ et demi-pratiquée les lymphatiques des idées-forces, comme ce piètre ◇ appelé Anatole France – ces « doctrines » (oh, latin *doctrina* !) sont peut-être⁸ des instinctivismes, des subjectivismes, des intellectualismes ; il n'y a rien de moins individualiste qu'elles.⁹

Le Grec, dont les vertus civiques étaient notoires, dont le culte de la beauté était impersonnel et large, était un individualiste.¹⁰ Il n'est pas besoin que quelqu'un l'ait dit pour qu'on le sache.¹¹ L'individualisme a fini lorsque le culte de l'individualité a commencé.

Mon Moi contient aussi mon intelligence, mon intelligence inhibitrice et proportionnante¹². Développer¹³ mon moi sans développer¹⁴ ma discipline de moi-même, ni ma notion des proportions dans mon caractère, ce n'est pas développer mon moi, c'est le mutiler. La notion de sa place dans la société, cette santé mentale qu'est la soumission au destin contre lequel il n'y a pas de révolution possible.

Un homme¹⁵ n'a pas d'individualité¹⁶ lorsqu'il n'a ni des besoins¹⁷ que sa personnalité n'admet pas, ni d'ambitions pour lesquelles son caractère n'est pas fait, ni d'aspirations pour lesquelles il ne peut avoir que des rêves, à moins que ce ne soient des aspirations de nature abstraite, c'est-à-dire¹⁸, non personnelles – ambitions ontologiques, comme celles de savoir toutes les vérités, morales, comme celles ◇¹⁹, esthétiques²⁰, comme celles de la beauté absolue dont le rayon lointain a touché la face éblouie de Platon. Mais je parle de besoins²¹, d'ambitions, d'aspirations *individuelles*.²²

¹ <i> on

² intégral] *em Pessoa (2015, p. 142), «intègre».*

³ le "vivre sa vie", le "culte du Moi" de cet idiot d'Ibsen, le <vi> "culte du Moi"] *neste texto e no anterior alteramos as aspas.*

⁴ écrasant (assomant)] *variante alternativa entre parênteses ; note-se que a segunda tem apenas um "m" no original.*

⁵ flâneur] *no original.*

⁶ <l'> l'extase intellectuel tel

- 7 preché] *no original*.
 8 peut-être] *no original*.
 9 <que ces doctrines> qu'elles.] *a partir daqui o texto continua manuscrito a tinta preta*.
 10 individualis<me>/te\ :
 11 [↑ Il n'est pas besoin que personne l'ait dit pour qu'on le sache.] *substituímos "personne" por "quelqu'un" (antes de "l'ait"); note-se que "pour" e "qu'on" parecem juntos*.
 12 proportionnaire ou proportionnante
 13 Developper] *este e os seguintes carecem de acento agudo no primeiro "e"*.
 14 developper] *ver a nota anterior*.
 15 Un <ind> homme
 16 d'individualité] *em Pessoa (2015, p. 142), alterado para "d'individualisme"*.
 17 lorsqu'il a des besoins] *no original*.
 18 c'est à dire] *no original*.
 19 comme celle ††
 20 esthetiques] *no original*.
 21 Mais je parle [↑ de besoins]
 22 *Segue um traço divisório e uma frase lacunar: La science a <†> ∅ cette *faute chrétienne de l'individualité: je suis un amas de ∅ <je existe> je pré-existe et je coexiste essentiellement.*

[8] [TRAD.]

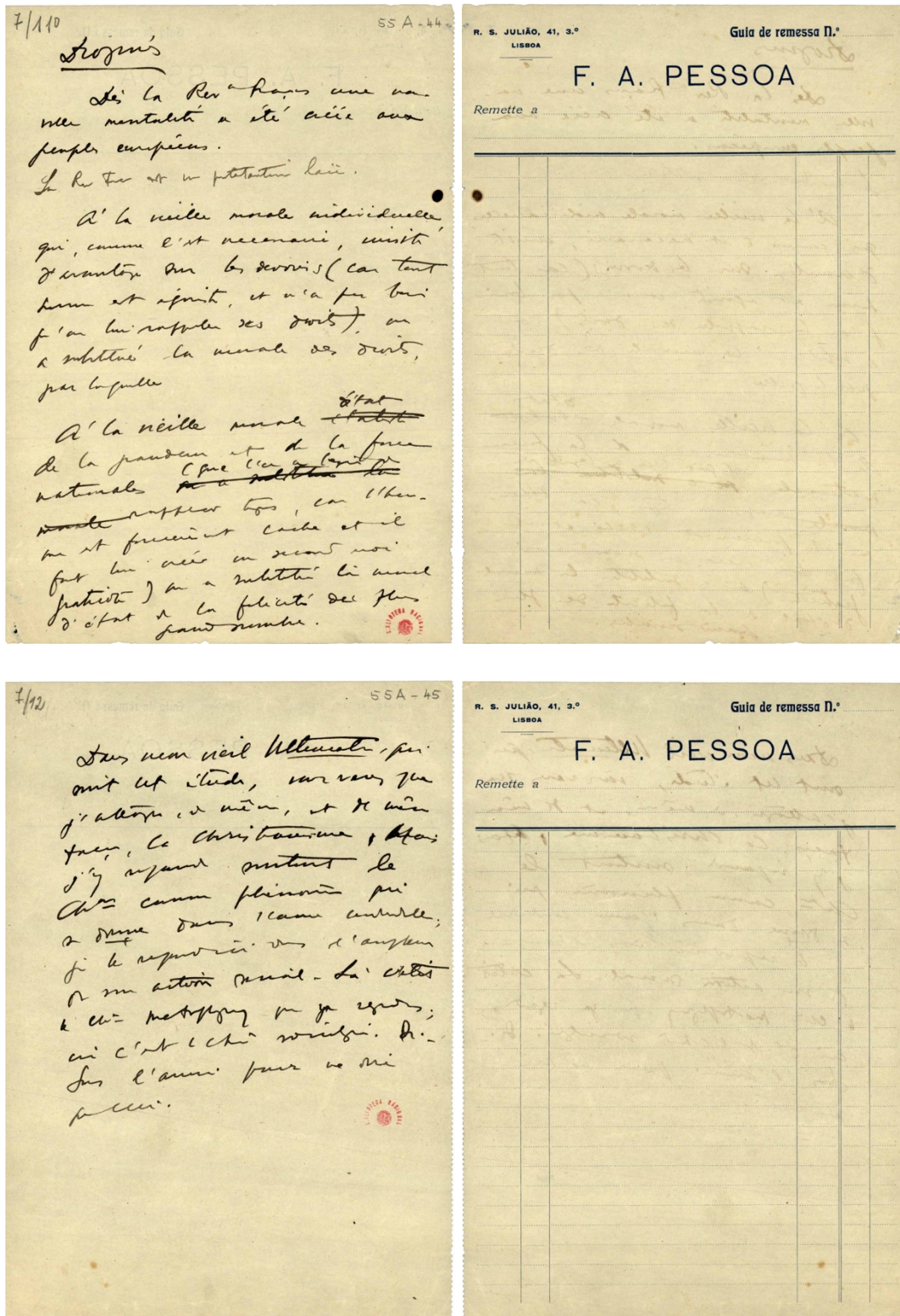
Diogenes.

O individualismo é eminentemente moral e fecundo, a menos que por individualismo não se entenda a negação da individualidade. O individualismo só é fecundo se for completo, íntegro. O resto, o “viver a vida”, desse idiota do Ibsen, o “culto do Eu”, desse insuportável diletante do esforço, Barrès, o êxtase intelectual tal como o pregaram e semi-praticaram os linfáticos das ideias-forças, como esse frouxo ∅ chamado Anatole France – tais “doutrinas” (oh, *doctrina* latina!) são talvez intuitivismos, subjetivismos, intelectualismos; mas não há nada menos individualista do que elas.

O Grego, cujas virtudes cívicas eram notórias, cujo culto da beleza era impessoal e largo, era um individualista. Não é preciso que ninguém o diga para se saber. O individualismo acabou quando o culto da individualidade começou.

O meu Eu contém também a minha inteligência, a minha inteligência inibidora e proporcionante. Desenvolver o meu eu sem desenvolver a minha disciplina de mim mesmo, nem a minha noção das proporções no meu carácter, não é desenvolver o meu eu, é mutilá-lo. A noção do seu lugar na sociedade, essa saúde mental que é a submissão ao destino contra a qual não há revolução possível.

Não há individualidade no homem quando não tem nem necessidades que a sua personalidade não admite, nem ambições para as quais o seu carácter não está preparado, nem aspirações em relação às quais não pode ter mais do que sonhos, a menos que se trate de aspirações de natureza abstracta, isto é, não pessoais – ambições ontológicas, como as de saber todas as verdades, morais, como as de ∅, estéticas, como as da beleza absoluta cujo raio longínquo tocou a face deslumbrada de Platão. Mas falo de necessidades, ambições, aspirações *individuais*.



Figs. 9.1, 9.2, 9.3 e 9.4. Diógenes (BNP/E3, 55A-44r, 44v, 45r e 45v).

9

Diogenes

Dès la Rév[olutio]n Française¹ une nouvelle mentalité a été créée aux peuples européens. La Rév[olutio]n Française² est un protestantisme laïc.

À la vieille morale individuelle, qui, comme c'est nécessaire, insiste davantage³ sur les devoirs (car tout homme est égoïste, et n'a pas besoin qu'on lui rappelle ses droits), on a substitué la morale des droits, par laquelle ◇

À la vieille morale d'état⁴ de la grandeur et de la force nationales (que l'on a besoin de rappeler toujours⁵, car l'homme est forcément lâche et il faut lui créer un second moi fratricide), on a substitué la morale d'état de la félicité du plus grand nombre.

Dans mon vieil *Ultimatum*, qui suit cette⁶ étude, vous verrez que j'attaque, de même, et de la même façon⁷, le christianisme. Mais j'y regarde surtout le ch[ristianis]me comme phénomène qui se /donne/ dans l'âme⁸ individuelle ; je le regarde ici dans l'ampleur de son action sociale. Là c'était le ch[ristianis]me métaphysique que je regardais ; ici c'est le ch[ristianis]me sociologique. Disons-le ainsi⁹ pour ne dire que ceci.

9

[55A-44^r e 45^r]

Duas folhas (conjecturando que o texto contido na segunda continua o texto da primeira) manuscritas a tinta preta. As folhas tem um timbre já referido: F. A. PESSOA | RUA DE SÃO JULIÃO, 41, 3.º | Lisboa.

NOTAS

¹ Revⁿ Française] *no original*.

² Rev Fran] *no original*.

³ d'avantage] *no original*.

⁴ <étatiste> [↑ d'état]

⁵ <on a substitué la morale> [↑ (que l'on a besoin de rappeler) toujours

⁶ cet] *no original*.

⁷ et de même façon] *no original*.

⁸ ame] *no original*.

⁹ Disons l'ainsi] *no original*.

[9] [TRAD.]

Diogenes.

A partir da Rev[oluçã]o francesa, foi criada uma nova mentalidade nos povos europeus. A Rev[oluçã]o francesa é um protestantismo laico.

À velha moral individual, que, como é necessário, insiste mais nos deveres (já que cada homem é egoísta e não precisa que lhe lembremos dos seus direitos), substituímos a moralidade dos direitos, pela qual ◇

À velha moralidade estatal de grandeza e força nacional (que precisamos sempre de a fazer lembrar, pois o homem é forçosamente covarde e precisa de ser criado um segundo eu fratricida), substituímos a moralidade estatal da felicidade do maior número.

No meu antigo *Ultimatum*, que se segue a este estudo, verãõ que eu ataco, também, e da mesma forma, o cristianismo. Mas aqui olho para c[ristianis]mo acima de tudo como um fenómeno que se /dá a si próprio/ na alma individual; olho para ele aqui no âmbito da sua acção social. Lá era o c[ristianis]mo metafísico que eu estava a ver; aqui é o c[ristianis]mo sociológico. Digamo-lo assim para dizer apenas isto.

10

Diogenes

La société est un système de forces. Tout se tient dans le bien social. On ne peut pas prêcher l'adultère sans faire œuvre anti-économique. L'atteinte portée à la propriété¹ individuelle blesse aussi les faiseurs de sonnets. Tout est dans tout, comme le disent les occultistes.²

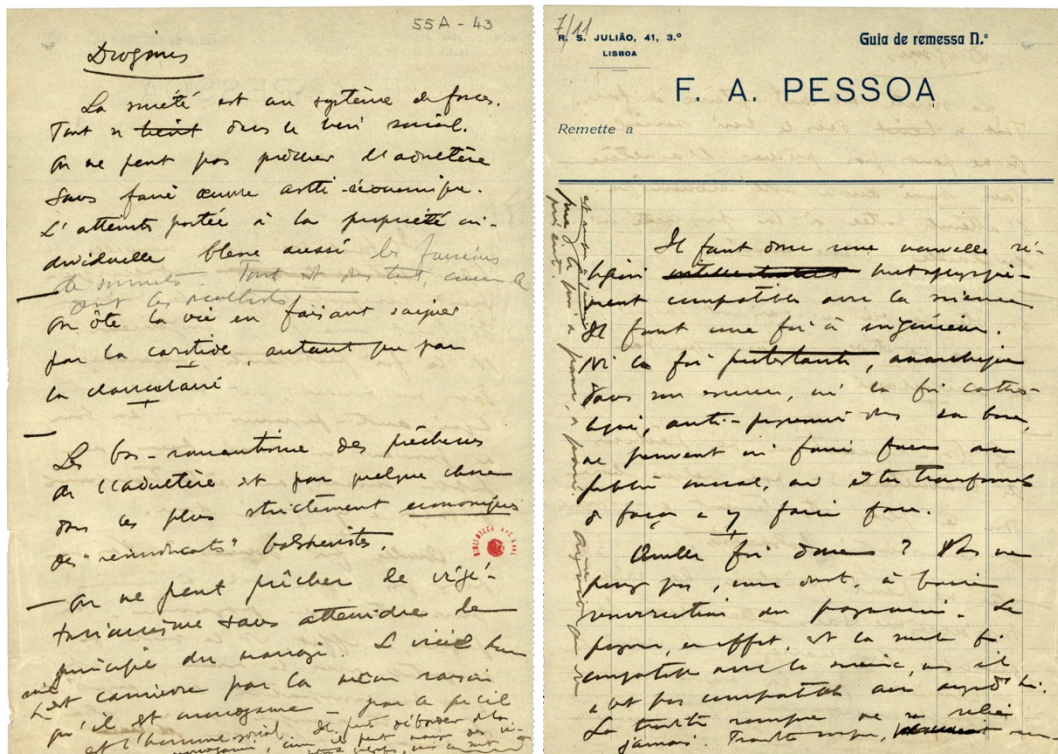
On ôte la vie en faisant saigner par la /carotide/ autant que par la /claviculaire/

Le bas-romantisme des prêcheurs de l'adultère est pour quelque chose dans les plus strictement *économiques*³ des « revendications » bolchevistes.⁴

On ne peut prêcher le végétarianisme sans atteindre le principe du mariage. Le vieil homme social est carnivore par la même raison qu'il est monogame – parce⁵ qu'il est l'homme social. Il peut déborder de la monogamie, comme il peut manger des végétaux quelquefois, mais ce sont ◇

Il faut donc une nouvelle religion⁶ métaphysiquement⁷ compatible avec la science. Il faut une foi d'ingénieur⁸. Ni la foi protestante, anarchique dans son essence, ni la foi catholique, anti-progressive dans sa base, ne peuvent ni faire face au public moral, ni être transformés de façon à /y/ faire face.

Quelle foi donc ? Vous ne pensez pas, sans doute, à faire résurrection⁹ du paganisme. Le paganisme, en effet, est la seule foi compatible avec la science, mais il n'est pas compatible avec aujourd'hui. La tradition rompue ne se renoue¹⁰ jamais. Tradition rompue, vraiment rompue, est rompue à jamais. Ce qui a passé, a passé. On ne vit que du présent.¹¹

Figs. 10.1 e 10.2. Diógenes (BNP/E3, 55A-43^r e 43^v).

10

[55A-43]

Uma folha manuscrita a tinta preta, com um segmento a lápis. O suporte tem um timbre da firma: F. A. PESSOA | RUA DE SÃO JULIÃO, 41, 3.º | Lisboa.

NOTAS

- 1 propriété] no original.
- 2 les faiseurs de sonnets. Tout est dans tout, comme le disent les occultistes] acrescentado a lápis.
- 3 économiques] sublinhado, sem acento agudo.
- 4 bolshevistes ou bolchevistes
- 5 par ce] no original.
- 6 religion] no original.
- 7 <intellectuellement> metaphysiquement] sem acento agudo na palavra não riscada.
- 8 Il faut une foi à ingénieur] Pessoa repete por outras palavras o que disse atrás: é preciso uma fé compatível com a ciência (com o engenheiro); alternativa: "Il faut une foi d'ingénieur", com sentido(s) diferente(s), nenhum deles perfeitamente coincidente com o que Pessoa quer dizer.
- 9 resurrection] no original.
- 10 ne se relie] no original.
- 11 pue à jamais. Ce qui a passé, a passé. On [↑ ne] vit que du présent.] na margem esquerda, na vertical.

[10] [TRAD.]

Diógenes

A sociedade é um sistema de forças. Tudo se sustenta no bem social. Não podemos pregar o adultério sem trabalho anti-económico. O ataque a bens individuais também prejudica os fazedores de sonetos. Tudo está em tudo, como dizem os ocultistas.

Tiramos a vida fazendo-a sangrar pela /carótida/ tanto como pela /clavicular/.

O baixo-romantismo dos pregadores do adultério tem qualquer coisa a ver com as «reivindicações» bolchevistas mais estritamente *económicas*.

Não se pode pregar o vegetarianismo sem se atingir o princípio do casamento. O velho homem social é carnívoro pelo mesmo motivo que é monógamo – porque é um homem social. Pode transbordar da monogamia, como pode de vez em quando comer plantas, mas há ◇

Faz, portanto, falta uma nova religião metafisicamente compatível com a ciência. Faz falta a fé dum engenheiro. Nem a fé protestante, anárquica na sua essência, nem a fé católica, anti-progressiva na sua base, podem nem enfrentar o público moral, nem ser transformadas de modo /a/ enfrentá-lo.

Que fé, então? É impensável, sem dúvida, fazer a ressurreição do paganismo. O paganismo, com efeito, é a única fé compatível com a ciência, mas não é compatível com os dias de hoje. A tradição quebrada nunca é reavivada. A tradição quebrada, verdadeiramente quebrada, é quebrada para sempre. O que passou, já passou. Não vivemos mais que no presente.

11

Qu'est ce qui est arrivé ? L'écrasement de l'ordre latin par moyen du bolchévisme¹ anglo-russo-américain.

Les Français² ont peut-être pensé à la France. Ils n'ont pensé que peu à l'ordre français, à la discipline classique qui a fixé, devant l'Europe, le type spirituel de leur nation. Qu'est-ce que la France a fait des Français ses citoyens³ ? Hors l'élan, dont les autres ont profité, et l'effort, qui n'a servi qu'aux autres, elle n'a pas mis d'esprit français dans la guerre.

Qu'est-ce que l'Italie a mis d'italisme dans ce conflit ?⁴ Rien que ce qui est antipathique dans l'esprit italien, la duplicité pro-américaine⁵.

La Roumanie a eu la latinité moderne de ne faire que des bêtises.

La Roumanie n'a eu⁶ que la latinité de la bêtise

92V-81.

Qu'est ce qui est arrivé ?
L'écrasement de l'ad-
latini par moyen de
bibliothèque après nous.
américain.

Les français ont peut
être pensés à la France les
notre pensés par pour à
l'ad- français, à la
discipline d'origine qui
à faire, devant l'Europe
le type spirituel de leur
nature. C'est avec ce
la fin à faire de français
ou certains, sans l'élan,
ont la nature ont profité.

2

et l'effort, qui a' a
servi par une autre,
elle a' a par nous son-
plus faire, et sur la
jeune.

On a' a par l'habili-
té mis à l'œuvre sur
a écrit. Rien peut
a qui est antipathique
des l'opinion établie,
la splendeur qui amé-
ricaine. ---

La Roumanie a en
la latinité un peu
à la faire par ses li-
tres.

92U-82.

La Roumanie est la Pologne
qui n'est pas à la en par
la latinité de la bi-
tise.

Figs. 11.1, 11.2, 11.3 e 11.4. "Qu'est ce qui est arrivé ?" (BNP/E3, 92U-81^r, 81^v, 82^r e 82^v).

11

[92U-81 e 82^r]

Duas folhas manuscritas a tinta preta; veja-se o picotado na parte superior dos suportes.

NOTAS

- ¹ bolchevikisme] *no original; a palavra, de facto, é mais longa do que “bolchevisme”.*
- ² français] *com minúscula.*
- ³ Français ses citoyens] *leitura conjectural, depois de ter lido “Français des celtiques”.*
- ⁴ dans ce conflit] *sem ponto de interrogação.*
- ⁵ pro-américaine] *tem um acento muito estranho em “pro”.*
- ⁶ La Roumanie <et le Portugal n'ont> n'a eu

[11] [TRAD.]

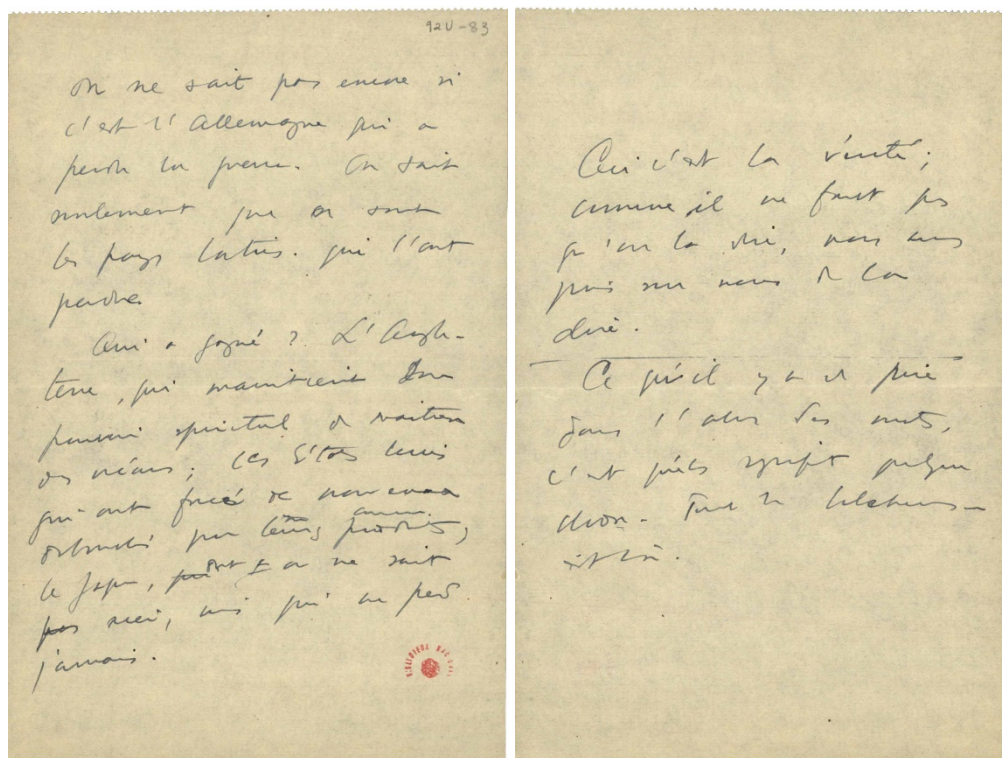
O que é que aconteceu? O esmagamento da ordem latina através do bolcheviquismo anglo-russo-americano.

Os franceses pensaram talvez sobre a França. Pouco pensaram na ordem francesa, na disciplina clássica que fixava, perante a Europa, o tipo espiritual da sua nação. O que fez a França dos franceses seus cidadãos? Para além do impulso, que beneficiou outros, e do esforço, que apenas serviu outros, não pôs um espírito francês na guerra.

O que é que a Itália pôs do italianismo neste conflito? Nada além do que é antipático no espírito italiano, a duplicidade pró-americana.

A Roménia tinha a latinidade moderna para fazer nada mais do que disparates.

A Roménia não tem tido mais do que a latinidade do disparate.

Figs. 12.1 e 12.2. “On ne sait pas encore...” (BNP/E3, 92U-83^r e 83^v).

12

On ne sait pas encore si c'est l'Allemagne qui a perdu la guerre. On sait seulement que ce sont les pays latins qui l'ont perdue.

Qui a gagné ? L'Angleterre, qui maintient son pouvoir spirituel de maîtresse¹ des océans ; les États-Unis qui ont forcé de nouveaux débouchés pour son commerce² ; le Japon, dont on³ ne sait rien⁴, mais qui ne perd jamais.

Ceci c'est la vérité ; comme il ne faut pas qu'on la dise, nous avons pris sur nous de la dire.

Ce qu'il y a de pire dans l'abus des mots, c'est qu'ils signifient quelque chose. Tout le bolchevisme est là.

12

[92U-83]

Uma folha (picotada na margem superior) manuscrita a tinta preta.

NOTAS

¹ maitresse] no original.

² leurs produits [↑ son commerce]

³ <qui> dont <y>

⁴ <pas> rien

[12] [TRAD.]

Ainda não sabemos se foi a Alemanha que perdeu a guerra. Só sabemos que foram os países latinos que a perderam.

Quem ganhou? A Inglaterra, que mantém o seu poder espiritual como dona dos oceanos; os Estados Unidos, que forçaram novas saídas para o seu comércio; o Japão, sobre o qual nada se sabe, mas que nunca perde.

Esta é a verdade; como não deve ser dito, assumimos o compromisso de o dizer.

A pior coisa sobre o abuso das palavras é que elas significam algo. Todo o bolchevismo está aí.

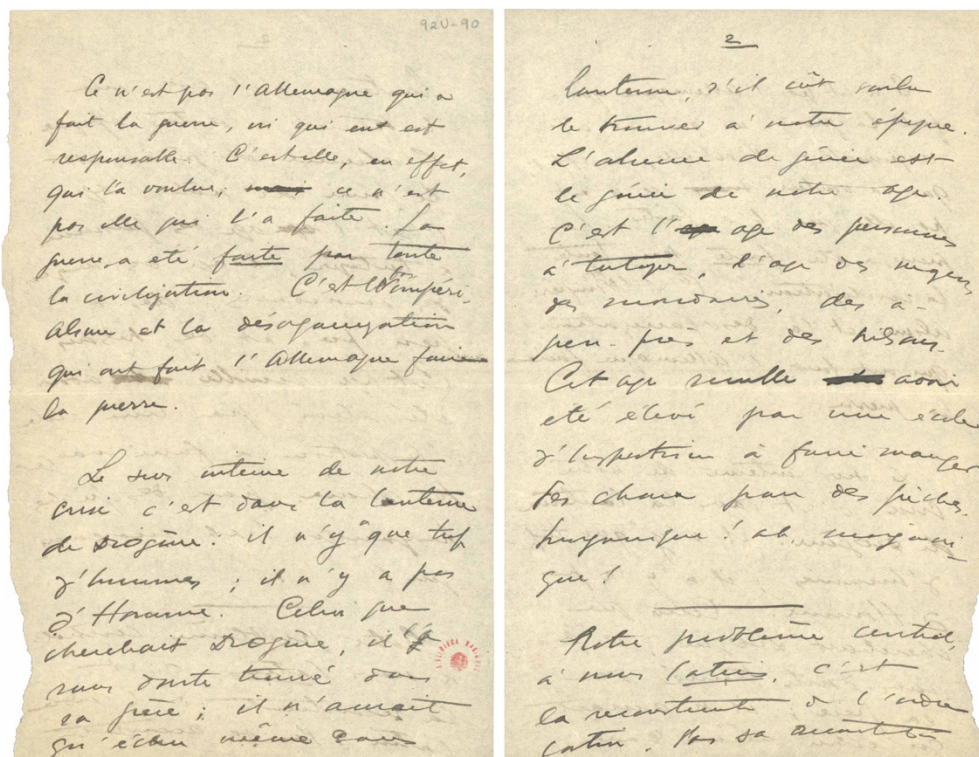
13

Ce n'est pas l'Allemagne qui a fait la guerre, ni qui en est responsable. C'est elle, en effet, qui l'a voulue ; ce n'est pas¹ elle qui l'a faite. La guerre a été *faite* par toute la civilisation². C'est le bas impérialisme³ et la désorganisation⁴ qui ont fait l'Allemagne faire la guerre.

Le sens interne de notre crise est⁵ dans la lanterne de Diogène : il n'y a que trop d'hommes ; il n'y a pas d'Homme. Celui que cherchait Diogène, il l'a⁶ sans doute trouvé dans sa Grèce ; il n'aurait qu'échoué même avec une lanterne⁷, s'il eût voulu le trouver à notre époque. L'absence de génie est le génie de notre âge⁸. C'est

l'âge⁹ des personnes à tutoyer, l'âge des moqueurs, des mondains, des à-peu-près et des Wilsons. Cet âge semble avoir été¹⁰ élevé par une école d'hypnotisme¹¹ à faire manger des choux pour des pêches. Inorganique ! Ah, inorganique !

Notre problème central, à nous /Latins/, c'est la reconstruction de l'ordre latin. Pas sa déconstruction.



Figs. 13.1 e 13.2. "Ce n'est pas l'Allemagne qui a fait la guerre" (BNP/E3, 92U-90° e 90°).

13

[92U-90]

Uma folha manuscrita a tinta preta (foi rasgada de forma irregular).

NOTAS

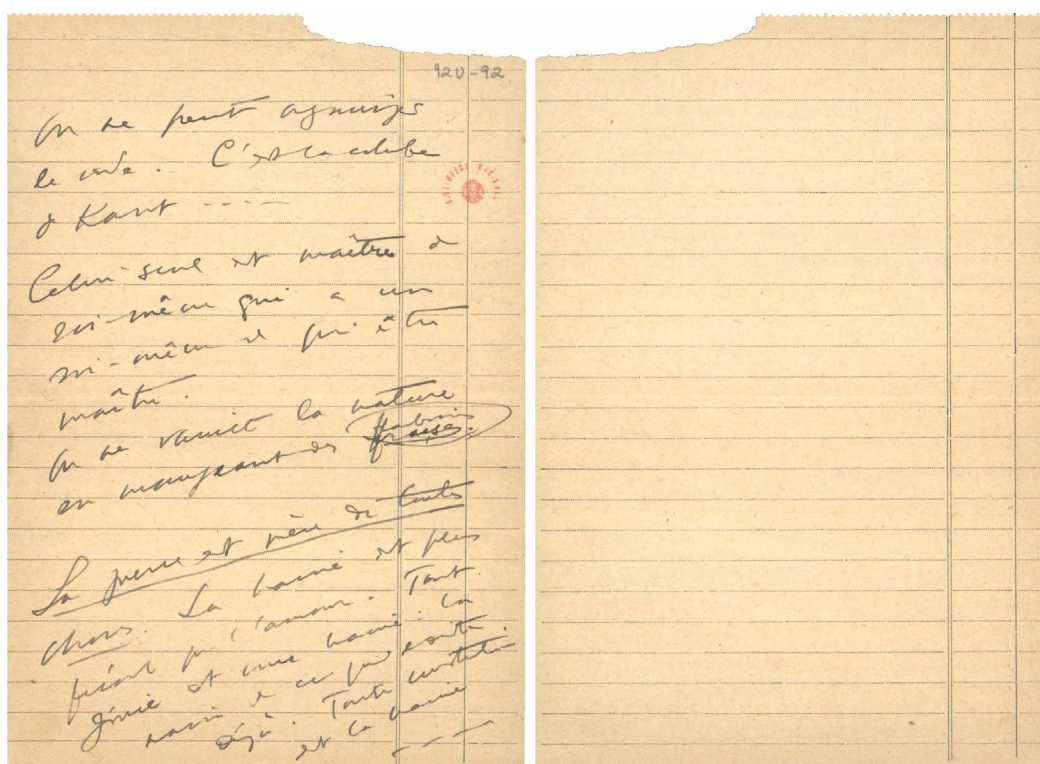
- 1 <mais> ce n'est pas
- 2 civilisation] no original.
- 3 C'est l'<e\ [↑ bas] impérialisme
- 4 désorganisation] no original.
- 5 c'est] no original.
- 6 il <t> [↑ l'a]
- 7 il n'aurait qu'*échou même *sans lanterne] no original ; proposta conjectural.
- 8 age] no original (nos casos todos).
- 9 C'est l'<age> age
- 10 <*etre> avoir été
- 11 d'hypnotisme ou d'hypnotiseur

[13] [TRAD.]

Não foi a Alemanha que entrou em guerra, nem é responsável por ela. De facto, era a Alemanha que o queria; não foi a Alemanha que o fez. A guerra foi *travada* por toda a civilização. Foi o baixo imperialismo e a desorganização que fizeram a Alemanha ir para a guerra.

O significado interno da nossa crise está na lanterna de Diógenes: há demasiados homens; não há Homem. O que Diógenes procurava, provavelmente encontrou na sua Grécia; ele teria fracassado mesmo com a lanterna, se o quisesse encontrar no nosso tempo. A ausência de génio é o génio da nossa era. É a idade do povo a ser introduzido pelo primeiro nome, a idade dos bufões, dos mundanos, dos mais ou menos e dos Wilsons. Esta idade parece ter sido criada por uma escola de hipnotismo para fazer as pessoas comerem couves por pêssegos. Inorgânico! Ah, inorgânico!

O nosso problema central, para nós /latinos/, é a reconstrução da ordem latina. Não da sua desconstrução.



Figs. 14.1 e 14.2. "On ne peut organiser le vide" (BNP/E3, 92U-92^e e 92^e).

14

On ne peut organiser¹ le vide. C'est la colombe de Kant...

Celui seul est maître de soi-même qui a un soi-même de qui être maître.

On ne vainc² la nature en mangeant des fraises / framboises.

La guerre est mère de toutes choses. La haine est plus féconde que l'amour.

Tout génie est une haine : la haine de ce qui existe déjà. Toute construction est la haine

14

[92U-92]

Uma folha como outras anteriores (com picotado ao alto, mas também uma parte rasgada) manuscrita a tinta preta.

NOTAS

¹ organizar] no original.

² vainct] grafia antiga da terceira pessoa do singular do verbo "vaincre".

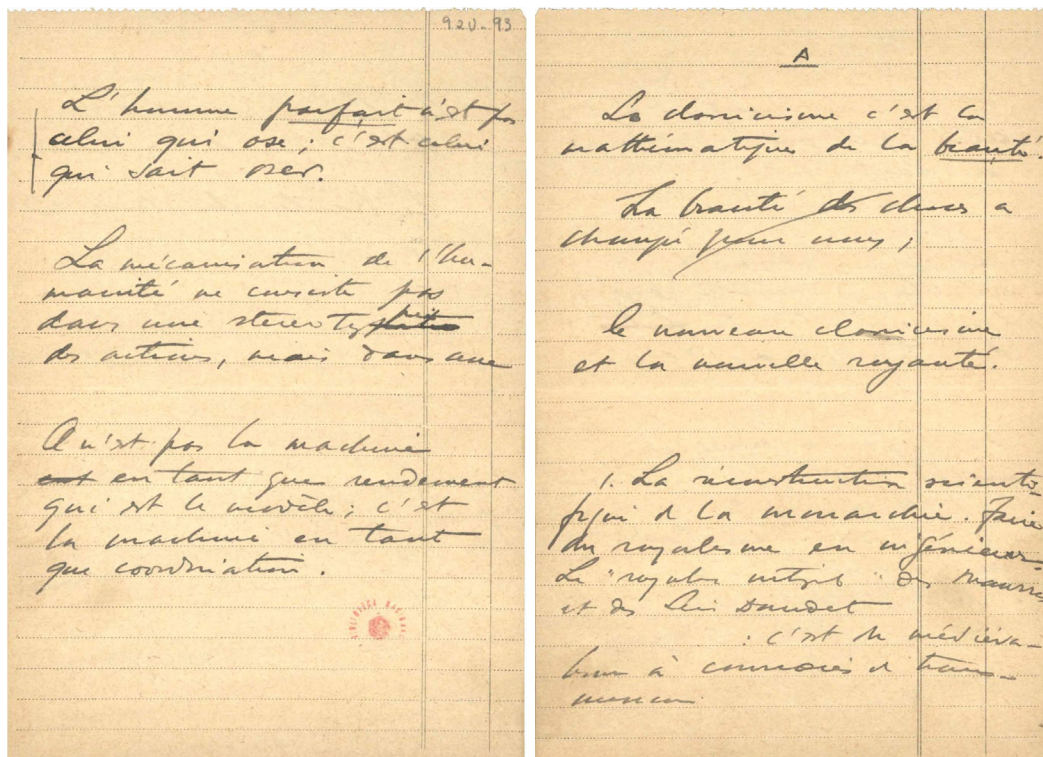
[14] [TRAD.]

Não podemos organizar o vácuo. É a pomba de Kant...

Só ele é mestre de si mesmo, que tem um eu de quem ser mestre.

Não podemos derrotar a natureza comendo morangos/framboesas.

A guerra é mãe de todas as coisas. O ódio é mais fecundo do que o amor. Todo o génio é ódio: ódio do que já existe. Toda a construção é ódio.



Figs. 15.1 e 15.2. "L'homme /parfait/ n'est pas celui qui ose" (BNP/E3, 92U-93^v e 93^v).

15

L'homme /parfait/ n'est pas celui qui ose ; c'est celui qui sait oser.¹

La mécanisation de l'humanité ne consiste pas dans une stéréotypie² des actions, mais dans une ◇

Ce n'est pas la machine en tant que rendement qui est le modèle ; c'est la machine en tant que coordination.

Le classicisme c'est la mathématique de la /beauté/.⁴

◊ le nouveau classicisme et la nouvelle royauté.

1. La reconstruction⁵ scientifique de la monarchie. Faire du royalisme en ingénieur⁶.
Le « royalisme intégral » des Maurras et des Louis Daudet ◊ : c'est du médiévalisme à courroies de transmission

15

[92U-93]

Uma folha (picotada ao alto e com pautas, como a anterior) manuscrita a tinta preta.

NOTAS

¹ *Um traço cortado, na margem esquerda, indica que o parágrafo todo foi dubitado.*

² *stereoty<patie>[↑ pie] sem acentos.*

³ *<ent> en tant*

⁴ *Segue um segmento riscado: <La beauté des choses a changé pour nous ;>*

⁵ *reconstruction] parece ter um acento.*

⁶ *Faire du royalisme en ingénieur] talvez deva ler-se no sentido de "faire du royalisme en tant qu' / en qualité d'ingénieur".*

[15] [TRAD.]

O homem /perfeito/ não é aquele que ousa; é aquele que sabe como ousar.

A mecanização da humanidade não consiste num estereótipo de acções, mas sim numa ◊

Não é a máquina como rendimento que é o modelo; é a máquina como coordenação.

O classicismo é a matemática da /beleza/.

◊ o novo classicismo e a nova realeza.

1. A reconstrução científica da monarquia. Fazer do realismo como engenheiro. O "realismo integral" de Maurras e de Louis Dauder ◊: este é o medievalismo com correias de transmissão.

La vie
 La vie est (une) œuvre de l'instinct; la poésie est œuvre de l'intelligence. Une œuvre ~~est~~ subside par le fait même qu'elle est; elle se réalise par le fait même qu'elle est intelligente. Tout le ~~travail de l'instinct~~ le poète appelle le drame de l'instinct et par le conflit entre la vie et la conscience, entre l'instinct et l'intelligence.

Puis, c'est vers la vie. Conscience c'est haine à la nature. Une révolution ne continue jamais parce qu'elle est œuvre d'instinct.

2 92U-94
 La science la plus parfaite est la plus mathématique; et la mathématique est la plus abstraite. La science est ~~la science~~ non seulement des sciences, mais aussi de toute la œuvre de l'esprit.

River c'est créer sans science. La science est l'art de continuer la réalité. Conscience c'est rompre le monde.

On a trop fait l'éloge de la vie et de l'instinct. On a trop dit par la vie exciter nos calculs, sans s'occuper des vices, et même de nos systèmes. C'est

3
 mais, mais c'est faux. La vie est au delà de nos systèmes et de nos rêves, mais en tant que vie. Elle en est au delà en tant que systèmes.

Quand on veut mécaniser les hommes, on oublie qu'il n'y a de mécanisme, dans l'humanité, et n'y a de mécanisme que les hommes.

Notre âge est l'âge des machines. En quoi est-ce que les romantiques œuvres et la conscience et la poésie montrent la compréhension?

4 92U-99
 La seule science véritable est l'organisation des instincts.

Figs. 16.1, 16.2, 16.3 e 16.4. "La vie est /une/ œuvre de l'instinct" (BNP/E3, 92U-94r, 94v, 99r e 99v).

16

La vie est /une/ œuvre de l'instinct¹ ; le progrès est œuvre de l'intelligence. Une société subsiste² par le fait même qu'elle vit ; elle se civilise³ par le fait même qu'elle est intelligente. Tout ce qu'on appelle le drame de l'histoire⁴ n'est que le conflit entre la vie et la civilisation⁵, entre l'instinct et l'intelligence.

Créer, c'est nier la vie. Construire[,] c'est haïr la nature. Une révolution⁶ ne construit jamais parce qu'elle est l'œuvre de l'instinct.⁷

La science la plus parfaite est la plus mathématique ; et la mathématique est la plus abstraite, la moins vitale non seulement des sciences, mais aussi de toutes les œuvres de l'esprit.⁸

Rêver c'est créer sans science. La science est l'art de construire en réalité. Connaître c'est renoncer à vivre.

On a trop fait l'éloge de la vie et de l'instinct. On a trop dit que la vie excède nos calculs, rend ridicules nos rêves, se moque de nos systèmes. C'est vrai, mais c'est faux. La vie est au-delà⁹ de nos systèmes et de nos rêves, mais en tant que vie. Elle en est en¹⁰ deçà¹¹ en tant que système.

Quand on veut mécaniser¹² des hommes, on oublie que dans l'humanité¹³ il n'y a [pas] de mécaniques, il n'y a de mécanique que les hommes.

Notre âge est l'âge¹⁴ des machines. En quoi est-ce que les romantiques /creux/¹⁵ à la Conférence¹⁶ de la paix montrent qu'ils le comprennent ?¹⁷

La seule science politique c'est l'organisation¹⁸ des instincts.

16

[92U-94 e 99]

Duas folhas pautadas (picotadas também) manuscritas a tinta preta.

NOTAS

¹ <L'instinct> | La vie est (une) œuvre de l'instinct

² <existe> subsiste

³ civilize] *no original*.

⁴ Tout <le drame de l'histoire> ce qu'on appelle le drame de l'histoire

⁵ civilization] *no original*.

⁶ revolution] *no original*.

⁷ œuvre d'instinct] *no original*.

⁸ la moins vitale <des œuvres de l'esprit> non seulement des sciences, mais aussi des toutes les œuvres de l'esprit.

⁹ au delà] *no original*.

¹⁰ est <au> [↑ en]

¹¹ deça] *no original*.

- 12 mécanizer] *no original*.
 13 qu<^>/e\ [↓ dans l'humanité]
 14 Notre age est l'age] *no original*.
 15 creus] *no original, com marca de hesitação*.
 16 Conference] *no original*.
 17 montrent le comprendre ?] *no original*.
 18 organisation] *no original*.

[16] [TRAD.]

A vida é /uma/ obra do instinto. O progresso é a obra da inteligência. Uma sociedade subsiste pelo próprio facto de viver; torna-se civilizada pelo próprio facto de ser inteligente. Tudo o que se chama o drama da história não é mais do que o conflito entre a vida e a civilização, entre o instinto e a inteligência.

Criar é negar a vida. Construir é odiar a natureza. Uma revolução nunca constrói porque é a obra do instinto.

A ciência mais perfeita é a mais matemática; e a matemática é a mais abstracta, a mais vital não somente das ciências, mas de todas as obras do espírito.

Sonhar é criar sem ciência. A ciência é a arte de construir a realidade. Conhecer é renunciar a viver.

Temos elogiado demasiado a vida e o instinto. Temos dito demasiado que a vida excede os cálculos, fazendo ridículos os nossos sonhos, gozando com os nossos sistemas. É verdade, mas é falso. A vida está para além dos nossos sistemas e dos nossos sonhos, mas enquanto vida. Está abaixo disso como sistema.

Quando queremos mecanizar os homens, esquecemos que na humanidade [não] há mecânica, não há mais mecânica que os homens.

A nossa era é a era das máquinas. Como é que os românticos /ocos/ na Conferência da Paz mostram que compreendem isto?

A única ciência política é a organização dos instintos.

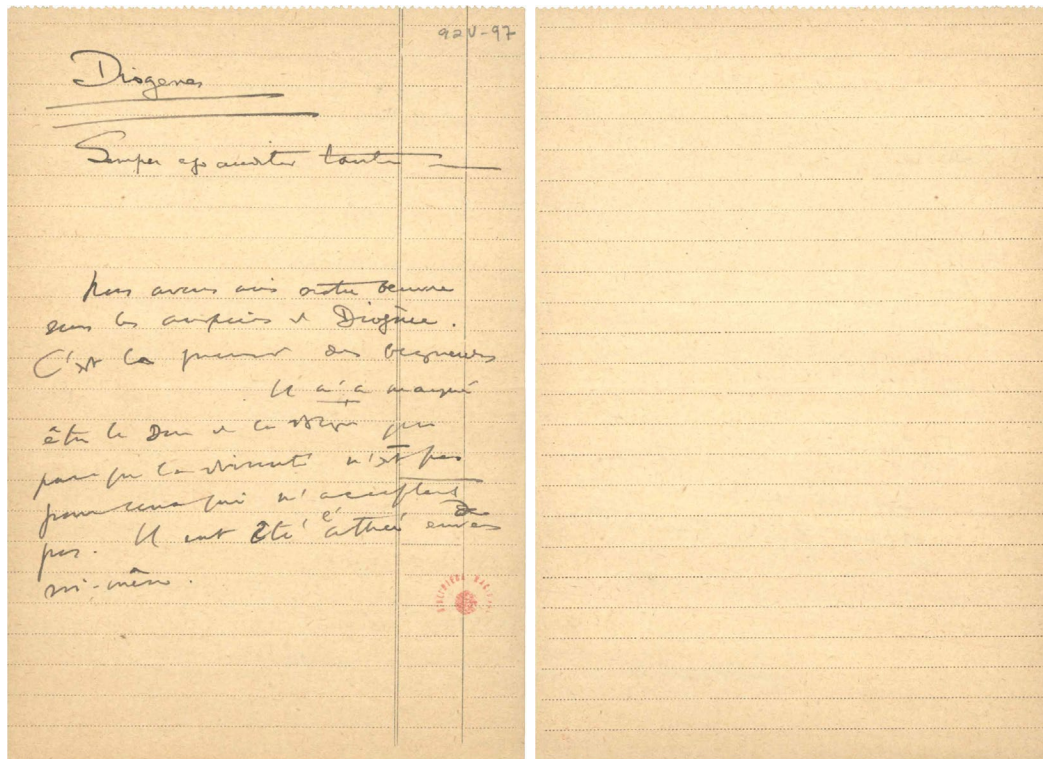
17

Diogenes

Semper ego auditor tantum^h

Nous avons mis notre œuvre sous les auspices de Diogène. C'est le premier des blagueurs ◇. Il /n'a/ manqué être le Dieu de la *blague que parce que la divinité n'est pas pour ceux qui n'acceptent pas. Il eût été l'athée de soi-même.¹

^h O verso de Juvenal poderia ser traduzido assim: "Serei eu sempre apenas um ouvinte?".

Figs. 17.1 e 17.2. *Diogenes* (BNP/E3, 92U-97^r e 97^v).

17

[92U-97]

Uma folha pautada (com o picotado já referido) manuscrita a tinta preta.

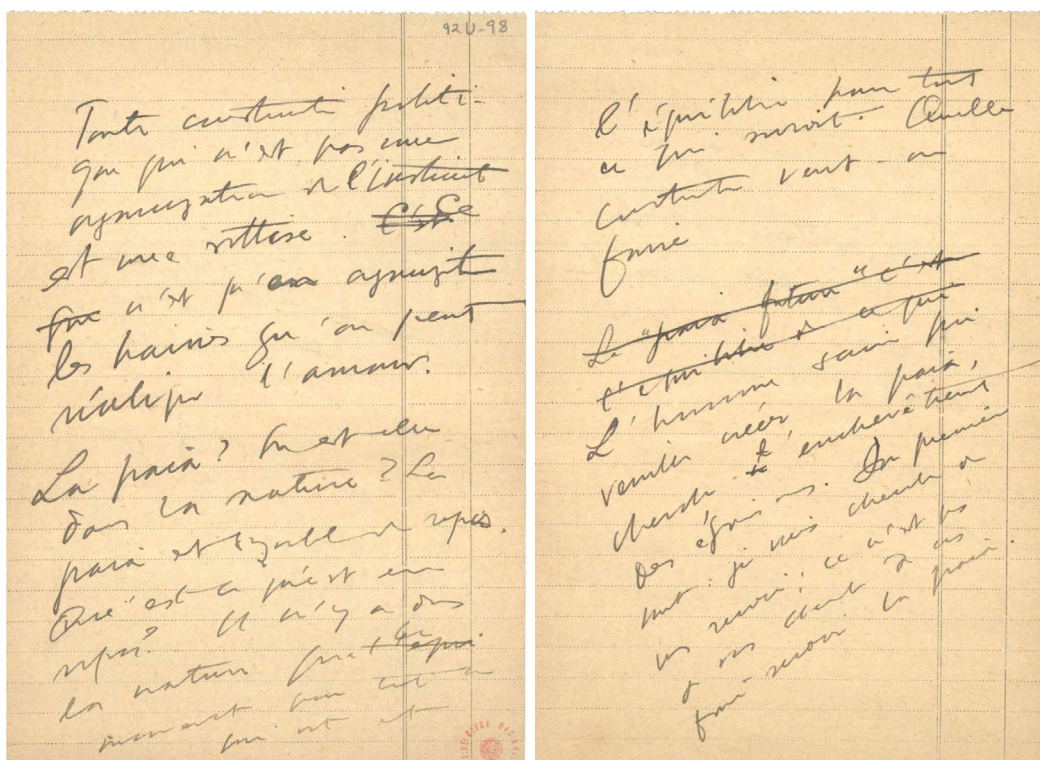
NOTA

¹ Il eût été [↑ I']athée envers [↑ de] soi-même.

[17] [TRAD.]

*Diogenes**Semper ego auditor tantum*

Criámos a nossa obra sob os auspícios de Diogenes. Ele é o primeiro dos *blagueurs* ◇. Ele /não/ falhou em ser o Deus da **blague* apenas porque a divindade não é para aqueles que não aceitam. Ele teria sido o ateu de si mesmo.

Figs. 18.1 e 18.2. Diógenes (BNP/E3, 92U-98^r e 98^v).

18

Toute construction politique qui n'est pas une organisation¹ de l'instinct est une sottise. Ce n'est qu'en organisant³ les haines qu'on peut réaliser⁴ l'amour.

La paix ? En est-il³ dans la nature ? La paix est symbole de repos. Qu'est-ce qui est en repos ? Il n'y a dans la nature que le mouvement⁵ pour tout ce qui est et l'équilibre pour tout ce qui survit. Quelle construction veut-on faire ◇

L'homme sain⁶ qui veut⁷ créer la paix, cherche l'enchevêtrement⁸ des égoïsmes⁹. Son premier mot : je vais chercher à vous servir ; ce n'est pas je vais chercher à vous faire servir la paix.

18

[92U-98]

Uma folha pautada (picotada ao alto) manuscrita a tinta preta.

NOTAS

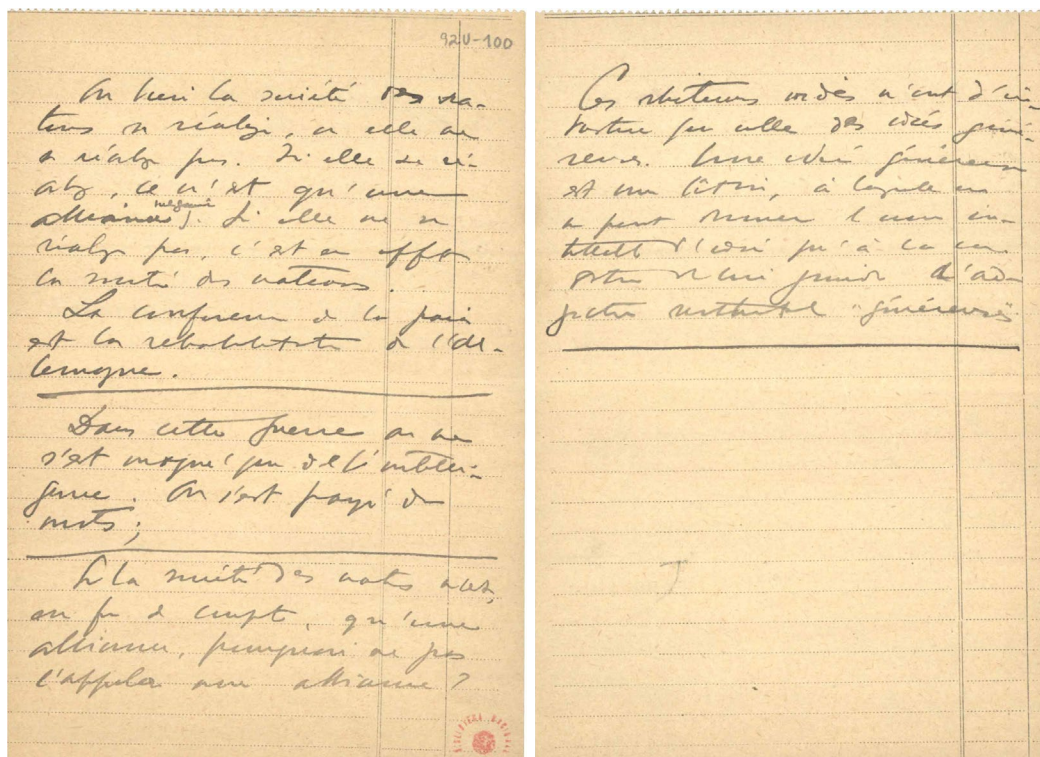
- ¹ organization] no original.
- ² <C'est> [↑ Ce] <que> n'est organisant
- ³ En est-elle] no original.
- ⁴ réaliser] no original.
- ⁵ <l'equi> [↑ le] mouvement
- ⁶ <La "paix future" c'est l'équilibre de ce qui> L'homme sain
- ⁷ veuille] no original.
- ⁸ <á> [↑ l']enchevêtrement
- ⁹ égoïsmes] no original.

[18] [TRAD.]

Toda a construção política que não é uma organização do instinto é uma idiotice. Apenas se nós organizarmos os ódios é que podemos realizar o amor.

A paz? Está na natureza? A paz é o símbolo do repouso. Que é que está em repouso? Não há mais na natureza que o movimento para tudo o que é e equilíbrio para tudo o que sobrevive. Que construção queremos fazer ◇

O homem são que quer criar a paz, procura o emaranhado dos egoísmos. A sua primeira palavra: eu vou procurar servir-vos, não vou procurar fazer-vos servir a paz.



Figs. 19.1 e 19.2. Diógenes (BNP/E3, 92U-100^r e 100^v).

19

Ou bien la société des nations se réalise¹, ou elle ne se réalise² pas. Si elle se réalise³, ce n'est qu'une alliance vulgaire⁴. Si elle ne se réalise⁵ pas, c'est en effet la société des nations.

La conférence⁶ de la paix est la réhabilitation⁷ de l'Allemagne.

Dans cette guerre on ne s'est moqué que de l'intelligence. On s'est payé de mots ; ◇

Si la société des nations n'est, en fin de compte, qu'une alliance, pourquoi ne pas l'appeler une alliance ?

Ces rhéteurs⁸ vides n'ont d'industrie que celle des idées généreuses. Une idée généreuse est une bêtise, à laquelle on ne peut donner le nom intellectuel d'idée qu'à la condition de lui joindre l'adjectif⁹ sentimental « généreuse ».¹⁰

19

[92U-100]

Uma folha pautada (picotada também) manuscrita a tinta preta.

NOTAS

- ¹ réalise] *no original*.
- ² réalise] *no original*.
- ³ réalise] *no original*.
- ⁴ qu'une alliance [↑ vulgaire]
- ⁵ réalise] *no original*.
- ⁶ conference] *no original*.
- ⁷ réhabilitation] *no original*.
- ⁸ rheteurs] *no original*.
- ⁹ adjective] *no original*.
- ¹⁰ "généreuses"] *no plural, mas "idée" é singular.*

[19] [TRAD.]

Ou a sociedade das nações se realiza, ou não se realiza. Se se realizar, é apenas uma aliança vulgar. Se não se realizar, é de facto a sociedade das nações.

A conferência de paz é a reabilitação da Alemanha.

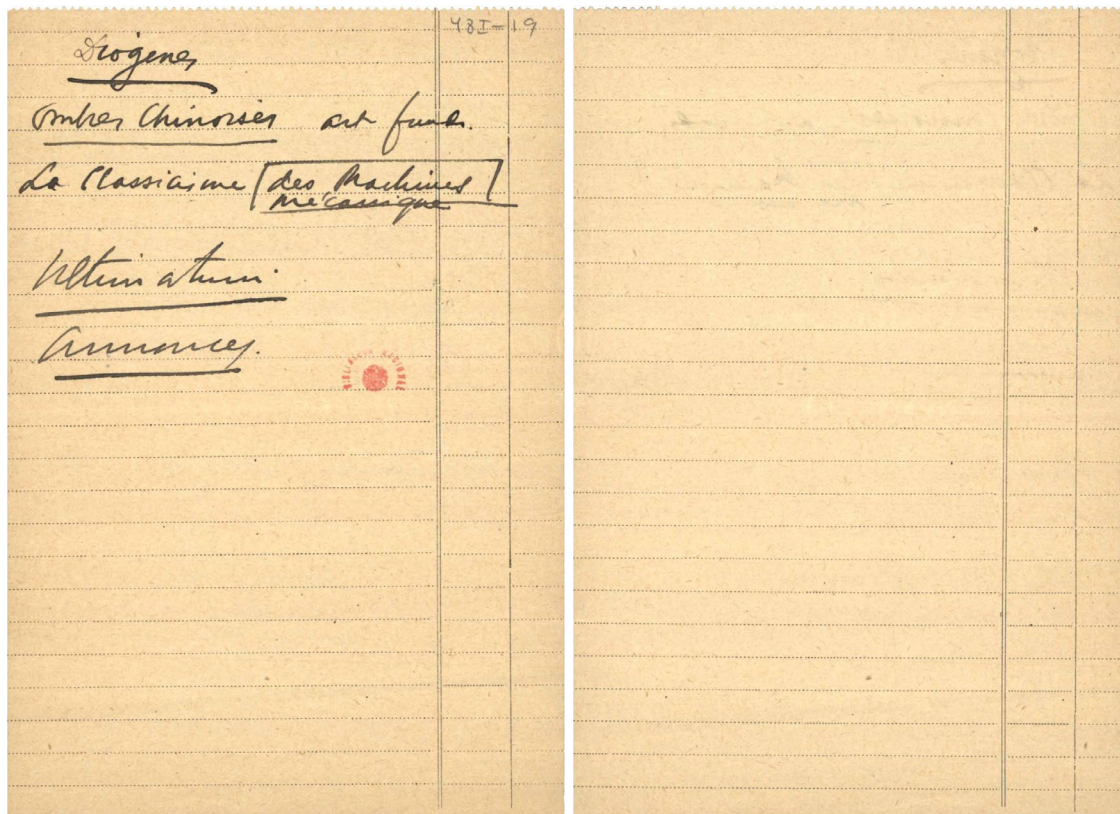
Nesta guerra, a única coisa que se ridicularizou foi a inteligência. Contentámo-nos com palavras vãs; ♦

Se a sociedade das nações não é, no fim de contas, mais do que uma aliança, porque não chamá-la aliança?

Estes retóricos vazios não têm outra indústria a não ser as ideias generosas. Uma ideia generosa é um disparate, à qual podemos dar o nome intelectual de ideia com a condição de lhe juntar o adjetivo sentimental "generoso".

20

*Diogenes**Ombres Chinoises art[igo] fundo**Le Classicisme Mécanique¹**Ultimatum.**Annonces.*

Figs. 20.1 e 20.2. *Diógenes* (BNP/E3, 48I-19^r e 19^v).

20

[48I-19^r]

Uma folha de papel pautada e picotada na margem superior. O texto foi manuscrito a tinta preta.

NOTA

¹ des Machines [↓ Mécanique]

[20] [TRAD.]

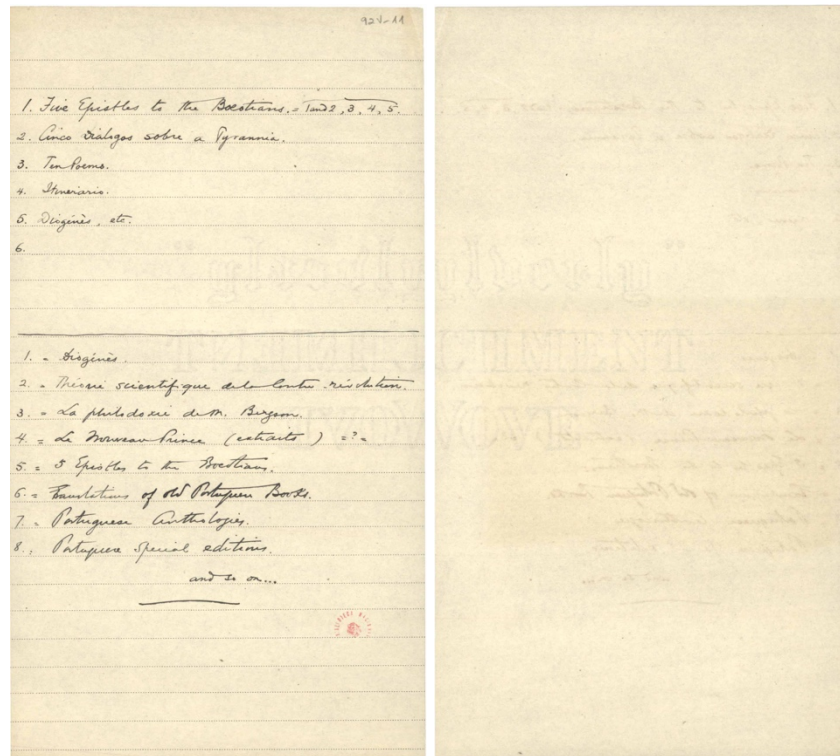
Diógenes

Teatro de Sombras art[igo] fundo

O Classicismo Mecânico

Ultimatum.

Anúncios.

Figs. 21.1 e 21.2. *Diogenes* (BNP/E3, 92V-11^r e 11^v).

21

1. Five Epistles to the Boetians. = 1 and 2, 3, 4, 5.ⁱ
2. Cinco Dialogos sobre a Tyrannia.
3. Ten Poems.
4. Itinerario.
5. Diogenès, etc.
6. ◇

ⁱ Trata-se de um projecto de que “existem vários fragmentos (cf. o plano geral da *First Epistle* em 111-9^r e os documentos 92V-13^r e 111-1 a 12). O assunto destas cartas, como explica o autor, ‘is the great War which has just ended’ (110-47^r) — a I Guerra Mundial — e os destinatários, os homens estúpidos do seu tempo: ‘Boeotia [...] is popularly known, and survives on the surface of legend, as the land of stupid men [...] I use the term, therefore, in a new application, though not in a new sense. I call those Boeotians who, inhabiting the surface of the civilized world of to-day’ (110-46^v). E noutro documento: ‘I thought, first, of addressing both this epistle and those which are to come after it, either to Mr. Lloyd George, or to President Wilson, or to M. George Clémenceau, but, when I consider that any of those gentlemen is not a personality but an emanation [...] I find it best to address my useless observations to that central essence from which they are emanations’ (111-11^r). No espólio pessoano conservam-se mais de cem folhas relativas a este projecto” (nota de rodapé, em PESSOA, 2006a: I, 39).

1. = Diogénès.
 2. = Théorie scientifique de la Contre-révolution.
 3. = La philodoxie de M. Bergson.
 4. = Le Nouveau Prince (extraits) =?=
 5. = 5 Epistles to the Boetians.
 6. = Translations of Old Portuguese Books.
 7. = Portuguese Anthologies.
 8. = Portuguese Special editions.
- and so on...

21

[92V-11*]

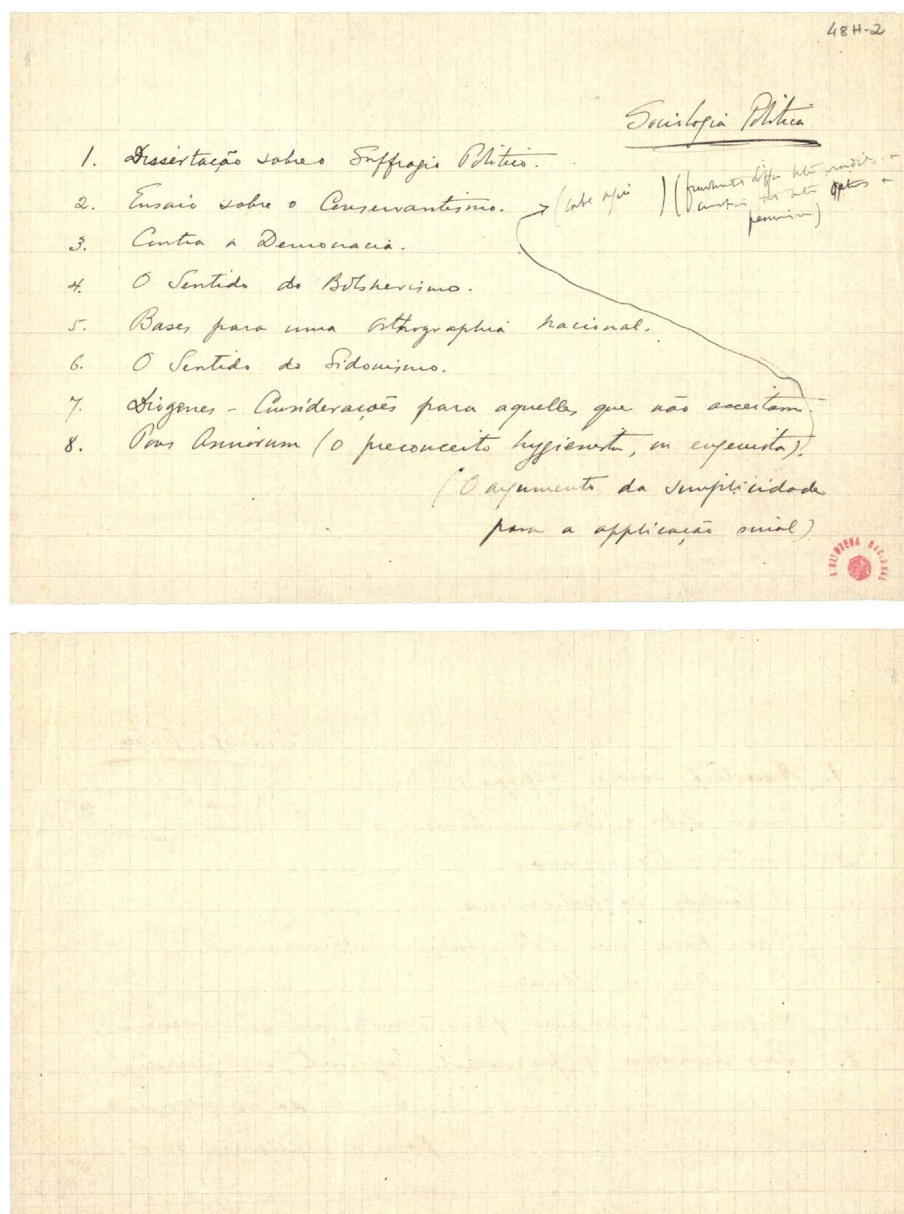
Este documento pode descrever-se lembrando a descrição de um texto afim, que se encontra em 125B-63: “Texto manuscrito a tinta preta, parcialmente publicado em Pessoa Inédito, 1993, p. 229, com omissão do verso do documento. O papel tem a marca de água ‘Wylberly’ Parchment Wove e é idêntico ao suporte do poema Athena (BNP/E3, 43-46’), escrito com a mesma caneta e datado de 6/5/1919 (cf. Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920, 2005, p. 205), e ainda ao suporte material do t. 38 [125B-64]” (PESSOA, 2011b: 355).

22

Sociologia Política

1. Dissertação sobre o Suffragio Politico.
2. Ensaio sobre o Conservantismo.
3. Contra a Democracia.
4. O Sentido do Bolshevismo.
5. Bases para uma Orthographia Nacional.
6. O Sentido do Sidonismo.
7. Diogenes – Considerações para aquelles que não acceitam.
8. Pons Asinorum¹ (O preconceito hygienista, ou eugenista). (cabe aqui (fundamental diff[eren]ce between radicalism and conservatism that between optimism and pessimism)² (O argumento da simplicidade para a applicação social)

¹ Como explica José Barreto, “Chama-se *Pons asinorum* (ponte dos burros) à quinta proposição dos *Elementos* de Euclides e, por extensão, a um problema que põe duramente à prova as capacidades de uma pessoa ignorante” (PESSOA, 2011a: 102, nota).



Figs. 22.1 e 22.2. *Sociologia Política* (BNP/E3, 48H-2^r e 2^v).

22

[48H-2^r]

Meia folha de papel pautado com quadriculas. O texto foi manuscrito a tinta preta. A questão contra o hygienismo (também intitulado O preconceito hygienista), fez parte, por volta de 1913, de outro conjunto de escritos de sociologia política de Pessoa (cf. 48H-2^r) e pertenceu a obra *O Templo de Jano que ia comentar vários tipos de preconceitos* (cf. 48H-6^r). Posteriormente, na década de 1920, terá migrado para *Pons Asinorum*.

NOTAS

- 1 [↑ (cabe aqui) (fundamental diffce between radicalism and conservatism that between optimism and pessimism)] uma seta indica o lugar de inserção.

Bibliografia

- BARRETO, José (2016). “Os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923”. *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10, Outono, pp. 628-703. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z04X5600>
- FOUCAULT, Michel (2001). *Fearless Speech*. Los Angeles: Semiotexte(e).
- LOPES, Francisco Fernandes (1950). “Uma nova carta inédita de Fernando Pessoa [1 de Junho de 1919]”. *Seara Nova*, n.º 1178-1179, 5-12 de Agosto.
http://ric.slihi.pt/Seara_Nova/visualizador/?id=09913.104.016&pag=4
- _____. (1942). “Duas cartas inéditas de Fernando Pessoa [20 e 26 de Abril de 1919]”. *Seara Nova*, n.º 795, 7 de Novembro, pp. 296-299, p. 244.
http://ric.slihi.pt/Seara_Nova/visualizador/?id=09913.034.039&pag=8
- NAVA, Lui E. (1988). *Diogenes of Sinope. The Man in the Tub*. Westport, Connecticut & London: Greenwood Press.
- PESSOA, Fernando (2015). *Prosa Escolhida de Álvaro de Campos*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, com a colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- _____. (2012). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, com a colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa | Nova Série.
- _____. (2011). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática / Babel. Nova série, coordenada por Jerónimo Pizarro.
- _____. (2011a). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição de José Barreto. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa | Nova Série.
- _____. (2011b). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa | Nova Série.
- _____. (2006a). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 vols.
- _____. (2006b). *Obras de Jean Seul de Méluret*. Edição crítica de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2002). *Álvaro de Campos – Poesia*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim. (2.a ed. 2013.)
- _____. (1999). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1997). *Álvaro de Campos – Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa.
- _____. (1994). *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença.
- _____. (1993). *Álvaro de Campos – Livro de Versos*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa.
- _____. (1992). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Menor, vol. I.
- _____. (1990a). *Álvaro de Campos – A Passagem das Horas*. Edição de Cleonice Berardinelli; nota prévia de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. 0.
- _____. (1990b). *Álvaro de Campos – Vida e Obras do Engenheiro*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa.
- _____. (1990c). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. II.
- _____. (1988). *Correspondência 1905-1922*. Edição Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

- _____. (1966). *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Jacinto Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Ática.
- PIZARRO, Jerónimo (2017). "Álvaro de Campos Revisited". *Estudos Regianos*, n.º 22-23 (número comemorativo), Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, pp. 67-90.
- _____. (2013). "Clearly Campos?". *Alias Pessoa*. Valencia: Pre-Textos, pp. 79-97.
- _____. (2012). "Sobre a primeira gazetilha de Álvaro de Campos". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, pp. 320-334. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0GT5KD0>
- PIZARRO, Jerónimo; FREITAS, Filipa (2016). "Editar Álvaro de Campos: o primeiro 'Arco de Triunpho'". *Genuína Fazendeira – os frutíferos 100 anos de Cleonice Berardinelli*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016, pp. 329-356.

CORINNE FOURNIER KISS é *Privatdozentin* na Universidade de Berna (Suíça), onde em 2017 obteve a *venia legendi* para Literatura Francesa, Literatura Comparada e Literatura Eslava (tripla habilitação). Trabalha com literaturas românicas, eslavas e germânicas. Os seus interesses e áreas de investigação incluem Literatura fantástica, Escrita feminina, Literatura francófona, Literatura e música, Literatura e as representações do espaço, nomeadamente cidades, fronteiras, paisagens e jardins. É autora de *La Ville fantastique dans la littérature européenne du tournant du siècle* (2007), premiado em 2009 com o “Prix européen du Grand Prix de l’imaginaire” e de *Mme de Staël et George Sand en dialogue avec leurs consœurs polonaises* (2020). Ela também editou e co-editou vários livros (entre outros, *Music and Emotions in Literature*, *Przemiany dyskursu emancypacyjnego kobiet*, *Regards sur l’interculturalité*, *Place au public – Les Spectateurs du théâtre contemporain*, *Räume der Romania*). É autora de inúmeros artigos em cada uma das suas áreas de interesse. Desenvolveu recentemente um grande interesse na literatura lusófona, e em particular na obra de Fernando Pessoa.

CORINNE FOURNIER KISS is *Privatdozentin* at the University of Bern (Switzerland), from which she received in 2017 the *venia legendi* for French Literature, Comparative Literature and Slavic Literature (triple habilitation). She works with Romance, Slavic and Germanic literatures. Her interests and research areas include the Literature of the Fantastic, Women’s Writing, Francophone Literature, Literature and Music, Literature and the Representations of Space – namely of the cities, borders, landscapes and gardens. She is the author of *La Ville fantastique dans la littérature européenne du tournant du siècle* (2007), awarded the “Prix européen du Grand Prix de l’imaginaire”, and of *Mme de Staël and George Sand en dialogue avec leurs consœurs polonaises* (2020). She has also edited and coedited several books (among others, *Music and Emotions in Literature*, *Przemiany dyskursu emancypacyjnego kobiet*, *Regards sur l’interculturalité*, *Place au public – Les Spectateurs du théâtre contemporain*, *Räume der Romania*) and authored multiple articles in each of her areas of interest. She has recently developed a great interest in lusophone literature, and particularly in the work of Fernando Pessoa.

JERÓNIMO PIZARRO é Professor da Universidad de los Andes, Titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Doutor pelas Universidades de Harvard (2008) e de Lisboa (2006), em Literaturas Hispânicas e Linguística Portuguesa. No âmbito da Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, publicadas pela INCM, contribuiu com sete volumes, sendo o último a primeira edição crítica de *Livro do Desasosiego*. Em 2010 a D. Quixote publicou *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, livro que preparou com Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, depois de os três coordenarem a digitalização dessa biblioteca com o apoio da Casa Fernando Pessoa. Em 2011 a Legenda publicou o livro *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, co-organizado com Steffen Dix, com quem já tinha co-editado, em 2008, um número especial da revista *Portuguese Studies* e, em 2007, um livro de ensaios, *A Arca de Pessoa*. De 2011-2013 Pizarro foi o Coordenador de duas novas séries da Ática (1. Fernando Pessoa | Obras; 2. Fernando Pessoa | Ensaística), contribuindo com mais de dez volumes. Actualmente dirige a “Coleção Pessoa” da Tinta-da-china. Em 2013 foi o Comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e ganhou o Prémio Eduardo Lourenço.

JERÓNIMO PIZARRO is a Professor at the Universidad de los Andes (Colombia), where he holds the Camões Institute Chair in Portuguese Studies. He holds a PhD in Hispanic Literatures (2008, Harvard University) and a PhD in Portuguese Linguistics (2006, Universidade de Lisboa). He has contributed seven volumes to the critical edition of Fernando Pessoa's Works published by the INCM, the last volume being the first critical edition of the *Livro do Desasosiego* [The Book of Disquiet]. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, published by D. Quixote in 2010, was prepared with Patricio Ferrari and Antonio Cardiello, the other two coordinators involved in digitizing Pessoa's private library with the support of Casa Fernando Pessoa. Together with Steffen Dix, he co-organized *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, published by Legenda in 2011; also with Dix, he co-edited a special issue of *Portuguese Studies* (2008) and a book of essays, *A Arca de Pessoa* [Pessoa's Trunk] (2007). Pizarro was the editor-in-chief of two new Ática's series (1. Fernando Pessoa | Works; 2. Fernando Pessoa | Studies), and he contributed more than ten volumes in the series. Currently, he is in charge of Tinta-da-China's “Coleção Pessoa”. In 2013 he was the Program Director of Portugal's visit to the International Book Fair of Bogotá and he won the Eduardo Lourenço Prize.